UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MAÍRA CUNHA ROSIN

NOS BECOS, CORTIÇOS E BORDEIS:
O uso de geotecnologias para a espacialização dos autos-crime de agressão em São
Paulo (1890-1920)

SÃO PAULO
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MAÍRA CUNHA ROSIN

NOS BECOS, CORTIÇOS E BORDEIS:

O uso de geotecnologias para a espacialização dos autos-crime de agressão em São Paulo (1890-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

De acordo: _____

Orientador: Profa. Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias.

VERSÃO CORRIGIDA
SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MAÍRA CUNHA ROSIN

NOS BECOS, CORTIÇOS E BORDEIS:
O uso de geotecnologias para a espacialização dos autos-crime de agressão em São
Paulo (1890-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

De acordo: _____
Orientador: Profa. Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias.

VERSÃO CORRIGIDA
SÃO PAULO
2014

Para todos os Augustos que sustentam minha vida

Para Luis Ferla

Agradecimentos

À Maria Odila Leite da Silva Dias, orientadora que me guiou por esses caminhos tortuosos de crimes e da cidade de São Paulo, que foi capaz de perceber meus medos e meus defeitos e trabalhar com eles com ensinamentos e palavras duras que eu precisava ouvir.

À Lucília Siqueira, que me ensinou a ser historiadora de verdade, nas diversas, famintas, divertidas e poeirentas tardes que passamos juntas no Arquivo do Tribunal de Justiça, aquela que me mostrou formas e caminhos para que um dia eu pudesse andar por eles sozinha.

À Professora Maria Inez Machado Borges Pinto, cuja obra e a participação na minha banca foram de extrema importância para a realização de um bom trabalho e por contribuir tantas vezes com resoluções burocráticas junto à secretaria da universidade.

À todas as meninas do grupo de pesquisa que passaram tantos dias nas salas escuras e empoeiradas do Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo (ATJSP) e que junto comigo digitalizaram as centenas de processos ali escondidos. Em especial, agradeço a Monique Felix por todo carinho que teve comigo e por toda ajuda na fase final dessas páginas e a Fernanda Bretones, por sempre confiar em mim e iluminar meus caminhos

A todos os funcionários do ATJSP, em especial à Regina, que com todo carinho que tem pelos autos-crime nos permitiu executar a pesquisa da melhor forma possível mesmo quando haviam tantas dificuldades.

Ao Luis Ferla, primeira pessoa a acreditar que eu poderia ser boa nisso, mesmo que me achasse tão desligada do mundo, me dando chances e me ensinando e até mesmo brigando comigo para que eu atingisse meus objetivos e que sempre me deu a mão para tudo o que me fosse necessário.

Para Janes Jorge, Fábio Alexandre dos Santos e Fernando Atique, que me ajudaram com tantas leituras e espaços que eu não imaginava que existiam e pela preocupação que tiveram com meu trabalho nesses anos.

Ao Hímaco, o grupo de pesquisa mais bonito desse Brasil, maior responsável para que eu conseguisse realizar este projeto, sobretudo ao Diego Moraes, Janaina Yamamoto e Vitor Mendes Monteiro, que passo a passo clarearam minhas ideias e desejos nesse projeto.

Para Orlando Guarnier e Thássia Moro, que além de “himaquetes” estiveram comigo pensando mapas, revisando textos e criando comigo as novas ideias que eu não conseguia desenvolver sozinha e para Ana Carolina Rocha, que me ajudou a construir a tabela do SIG. É nozes!

Ao Cesar Campioni, que não me deixou desistir mesmo quando o caminho parecia sem saída e que com carinho e paciência tornou reais as páginas coloridas que minha mente pensava e que sozinha eu não era capaz de produzir, dando aos meus mapas uma cara boa.

Aos meus amigos queridos, Regina Maria e Pedro HMC, por nunca me deixarem sozinha e por compreenderem todas as minhas ausências e desesperos quando eu dizia que tinha que escrever e rejeitava suas companhias. Vocês me ajudaram, me aplaudiram e me salvaram de todas as angústias e incertezas que este trabalho me provocou e eu nunca esquecerei disso.

Para Livia Ulian, cujas elucidações maravilhosas foram fundamentais para a definição do meu objeto de pesquisa e pelas noites de conversa jogadas fora que tanto me ajudaram a escrever e relacionar crimes.

Ao Caio Marchi, já mestre, companheiro de jornada, por me garantir que os passos eram mesmo difíceis e que no final tudo ia dar certo.

À Renata e Raquel Martines, ao Seu Zé e à Maria Padilha por sempre rezarem por mim e me darem forças para continuar passando noites em claro e florescendo ideias.

Para minha mãe, Maru, e meu irmão, Lucas, que jamais compreenderam a dificuldade de se construir um trabalho como esse e respeitaram meus momentos de silêncio e de completo distanciamento do mundo.

Ao meu avô, Augusto Rosin, por me iluminar de seu lugar etéreo todos os dias da minha vida, me pondo o chão nos pés quando o mundo virava de cabeça pra baixo e ao meu tio, Celso Rosin, por todas as vezes que me disse que eu podia ir mais longe do que todos diziam.

Por fim, ao meu avô do coração, Oswaldo Rosin, que me ensinou que o bem mais precioso dessa vida é a inteligência, e que desde pequena me mostrou que a intelectualidade era uma arte, uma vivência de todos os dias e em seguida, ao meu pai, Carlos Augusto Rosin, que tanto me incentivou e apoiou nesses anos todos, que sofreu e riu comigo em todas as ocasiões da vida pessoal e acadêmica, mesmo que não saiba absolutamente nada sobre História.

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que eu veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo

OSWALD DE ANDRADE

O processo é de certa forma uma
invenção, uma obra de ficção social.

MARIZA CORREA

RESUMO

A presente pesquisa pretende demonstrar a análise dos crimes de agressão na cidade de São Paulo entre os anos de 1890 e 1920 a partir da perspectiva de uso do Sistema de Informações Geográficas (SIG). Para tanto, foram utilizadas como fontes os autos-crime de agressão do Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo, especializando as agressões e estabelecendo análises cruzadas a partir da construção de um banco de dados. Nesse período, a cidade de São Paulo passava por intensas transformações físicas aliadas ao grande crescimento populacional provocado pela política de imigração do final do século XIX e início do século XX. A partir da análise dos diversos elementos trazidos pelos autos-crime, podemos perceber através da espacialização as dinâmicas sociais e urbanas dentro do espaço físico da cidade. O uso das geotecnologias permitem apresentar a outros pesquisadores as possibilidades de análise de uma fonte histórica tradicional aliando tempo e espaço na construção de mapas temáticos acerca das fontes primárias trabalhadas.

PALAVRAS CHAVE: História urbana, SIG Histórico, agressão, auto-crime, São Paulo.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate the analysis of crimes of aggression in the city of São Paulo between 1890 and 1920 from the perspective of the Geographic Information System (GIS). For this purpose, the process of aggression of the file of The Court of Justice of São Paulo were used as sources, specializing aggressions and establishing cross-analysis from the construction of a database. During this period, the city of São Paulo was undergoing intense physical changes coupled with the high population growth caused by immigration politic of the late nineteenth century and early twentieth century. From the analysis of the various elements brought by self-murder, we can realize the social and urban dynamics within the physical space of the city through the spatialization. The use of geotechnologies allow to present for other researchers the possibilities of analysis of a traditional historical source by combining time and space in the construction of thematic maps about the primary sources worked.

KEYWORDS: Urban History, Historical GIS, Aggression, Crime process, São Paulo.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Planta da cidade de São Paulo (1916).....	4
FIGURA 2 – Mapa vetorial de São Paulo (1916).....	6
FIGURA 3 – Planta da cidade de São Paulo em 1850 com a região do triângulo em destaque.....	12
FIGURA 4 – Crimes de agressão em São Paulo – Nacionalidade dos réus.....	16
FIGURA 5 – Crimes de agressão em São Paulo – Nacionalidade das vítimas.....	18
FIGURA 6 – Crimes de agressão nas ruas de São Paulo.....	20
FIGURA 7 – Crimes de agressão em São Paulo por horário de ocorrência.....	22
FIGURA 8 – Crimes de agressão por embriaguez no domingo.....	23
FIGURA 9 – Crimes de agressão por dia de ocorrência.....	25
FIGURA 10 – Área urbanizada de São Paulo (1882-1914).....	26
FIGURA 11 – Crescimento viário de São Paulo (1850-1916).....	30
FIGURA 12 - Agressões em São Paulo (1890-1920).....	35
FIGURA 13 – Crimes de agressão na região da Lapa.....	37
FIGURA 14 – Crimes de agressão na região de Santanna.....	38
FIGURA 15 – Crimes de agressão na região de Santa Ephigênia.....	39
FIGURA 16 – Crimes de agressão na região da Sé.....	40
FIGURA 17 – Crimes de agressão na região do Brás.....	42
FIGURA 18 – Crimes de agressão em cortiços de São Paulo.....	48
FIGURA 19 – Crimes de agressão em cortiços com réus embriagados.....	49
FIGURA 20 – Crimes de agressão em São Paulo por motivos de embriaguez.....	51

FIGURA 21 – Crimes de agressão por embriaguez no período noturno (após 18h).....	53
FIGURA 22 – Crimes de agressão em São Paulo envolvendo meretrizes.....	56
FIGURA 23 – Crimes de agressão em São Paulo com mulheres como vítimas.....	61
FIGURA 24 – Crimes de agressão com réus e vítimas do sexo masculino.....	66
FIGURA 25 – Auto de corpo de delito de Antonio Lopes Queijada.....	68
FIGURA 26 – Auto de corpo de delito de João Regis.....	69
FIGURA 27 – Crimes de agressão com réus e vítimas do sexo feminino.....	71
FIGURA 28 – Crimes de agressão em São Paulo – sexo dos réus.....	74
FIGURA 29 – Crimes de agressão em São Paulo – sexo das vítimas.....	76
FIGURA 30 – Crimes de agressão entre italianos.....	80
FIGURA 31 – Crimes de agressão com réus portugueses e vítimas italianas.....	83
FIGURA 32 – Crimes de agressão entre portugueses.....	85
FIGURA 33 – Crimes de agressão entre brasileiros.....	86

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Pelas ruas da pauliceia: crescimento urbano e criminalidade	11
Capítulo 2 – O uso do SIG para mapeamento dos crimes de agressão em São Paulo (1890-1920).....	33
2.1 – Os crimes de agressão e os bairros de São Paulo.....	37
2.2 – Entre muros, casinhas e garrafas: cortiços e embriaguez.....	45
2.3 – Na casa de dona Maria: as meretrizes.....	55
2.4 – Gêneros e agressões: os crimes de acordo com o sexo dos réus e das vítimas.....	60
2.5 – Brigando e Babel: os crimes de agressão e as nacionalidades.....	79
Capítulo 3 – Velha História, novas tecnologias.....	88
Considerações finais.....	93
Bibliografia.....	95

Introdução

O uso da cartografia para o estudo das cidades não é novidade. Há tempos se utilizam mapas para analisar e descrever fatores que interferiram no curso dos processos de um determinado local. Contudo, o mapeamento por Sistema de Informações Geográficas (SIG) de uma cidade é uma área de estudo relativamente nova na História. O uso do SIG nos permite analisar, manipular e integrar informações georreferenciadas em um ambiente computacional, para assim reexaminar perspectivas do trabalho histórico.

De forma simples, o SIG é um conjunto de ferramentas para a coleta, armazenamento, recuperação, transformação e visualização de dados espaciais do mundo real para um conjunto de propósitos específicos¹. Segundo Loch, “a função de um mapa quando disponível ao público é a de comunicar o conhecimento de poucos para muitos, por conseguinte ele deve ser elaborado de forma a realmente comunicar”², ou seja, utilizando mapas abrimos novas janelas de conhecimento para auxílio de outros pesquisadores.

O SIG permite que informações geográficas sejam usadas de maneira mais poderosa que qualquer outro meio permita. Ele traz um conjunto de ferramentas que permitem ao historiador estruturar, integrar, manipular, analisar e dispor informações de maneiras completamente novas. (...) De fato, o potencial do SIG pode ajudar a incluir novas vantagens para os pesquisadores, o que possibilita que eles sejam capazes de explicar suas teorias de novas maneiras e de acordo com o espaço. (...) Entretanto, não existem muitas discussões sobre as limitações e os inconvenientes do uso do SIG em investigações históricas. Isso ocorre, provavelmente, pela falta de resultados de pesquisas históricas com o uso de SIG.³

Neste caso, o SIG foi utilizado para mapear os crimes de agressão registrados nos autos-crime da cidade de São Paulo entre os anos de 1893 e 1920, o objetivo deste

¹ BURROUGH, Peter A. e MCDONELL, Rachael A. *Principles of Geographical Information Systems*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998. p. 11.

² LOCH, Ruth E. Nogueira. *Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. P. 27.

³ GREGORY, IAN e ELL, Paul. *Historical GIS*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. P. 1 a 17. Tradução minha.

trabalho é realizar e apresentar exercícios de espacialização das agressões transformadas em queixas-crime na cidade de São Paulo, a fim de contribuir para pesquisas futuras e implementar o uso da tecnologia do SIG em pesquisas históricas, em especial na história do crime na cidade de São Paulo. Este estudo abre espaço para demonstrar que a técnica aqui empregada, ou seja, o SIG Histórico, pode abrir novos caminhos no que se refere ao desenvolvimento de estudos históricos.

Para este mapeamento, foi utilizado como base a carta da cidade de São Paulo de 1916⁴ (Figura 1). Após ser digitalizada, esta imagem serviu de base para toda a produção cartográfica apresentada neste trabalho. A metodologia utilizada para isso foi transformar a imagem bruta (raster) em um vetor⁵, ou seja, uma ferramenta que possibilita a inserção de dados para a criação de diferentes análises sobre um mesmo espaço, neste caso a cidade de São Paulo, gerando a partir daí produtos temáticos, no caso os mapas apresentados neste trabalho.

Através da produção de um mapa digital a partir da imagem digitalizada, podemos trabalhar com ela a fim de realizar cruzamentos de dados inseridos em uma tabela, possibilitando a criação de diversas análises utilizando filtros e, assim, fazer algumas interseções a fim de aprofundar análises de tempo e espaço. O conteúdo da tabela, determinado pelo usuário, dará as diretrizes para inúmeras possibilidades de escolhas para comparação de dados.

Para este trabalho, a tabela era a seguinte:

TABELA 1

⁴ 1916 – Planta da cidade de São Paulo levantada pela divisão cadastral da 2ª seção de Obras e Viação da Prefeitura Municipal (escala 1:20000). Disponível no Núcleo de Acervo Cartográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁵ Notação, estrutura e formato de dados usados para representar a geometria de um objeto espacial. Fonte: www.igeo.ufrj.br/fronteiras/geomatica/taxonomy/term/114 acessado em 07/04/2014.

ID	Ano	Número do processo no ATJSP	Nome do Réu	Idade do Réu	Origem do réu	Estado Civil - réu	Ocupação do réu	Endereço do réu	Sexo da vítima	Vítima	Idade da vítima	Origem da vítima	Estado Civil - vítima	Ocupação da vítima	Endereço da vítima	Sexo da vítima	Logradouro	Número	Bairro	Data	Hora	Arma_crime	Embriaguez	Artigo	Cortico	Dia_semana	
1	1893	014J1381-0007-1	Antonio de Oliveira	40	Portuguesa		Pedreiro	Rua Chavantes, 3	Masculino	Barzilina Rodrigues					Rua Chavantes, 3	Feminino	Rua Chavantes	3	Bras					313	sim		
1	1893	014J1381-0007-1	Valentin Dias	29	Portuguesa	Casado		Rua Chavantes, 3	Masculino	Barzilina Rodrigues					Rua Chavantes, 3	Feminino	Rua Chavantes	3	Bras					313	sim		
2	1894	A81506G047200047	Menotti Fantini	25	Italiana	Casado	Praça		Masculino	Adriano Andriucci	24	Italiana			Rua do Lavapes, 35	Masculino	Major Diogo	24	Bela Vista			Faca	sim	302			
3	1894	065D091300174	Michele Santangelo	36	Italiana	Casado	Operario	Rua Luis Gama, 18	Masculino	Miguel Arcanjo Abriane	23	Italiana	Solteiro	Operario		Masculino	Rua Barao de Jaragua	44	Cambuci			Faca	sim	306			
4	1895	014J138100096	Alexandre Calabrese		Italiana		Alfaiate	Jose Boifacio, 21	Masculino	Francisco Nobre		Brasileira				Masculino	Jose Bonifacio	2	Se					313			
5	1895	A81907B07460032	Joao Antonio de Azevedo	26	Portuguesa	Casado	Praca		Masculino	Emilio Pereira	25		Casado	mpregado do Desinfecto		Masculino	Rua Tenente Pena		Bom Retiro			Faca		306			
6	1896	006K106100355	Abraham Carfagnini	42	Portuguesa	Casado	Trabalhador		Masculino	Jorge Conceicao	Menor					Masculino	Rua Conselheiro Furtado		Liberdade			Picareta		306			
7	1899	917B174500372	Luigi Calandrea	27	Italiana	Solteiro	Carpinteiro		Masculino	Antonio Natati		Italiana				Masculino	Rua Major Diogo		Bexiga					303			
8	1905	010D095400581	Joao Chianhatti	30	Italiana	Casado	Operario	Rua da Graca, 27	Masculino	Jose Maria Cardozo	51	Portuguesa	Casado	Pedreiro	Rua Da Graca, 27	Masculino	Rua da Graca	27	Luz				Bengala	303			
9	1916	A81900H056400159	Joao Miguel Affonso		Portuguesa				Masculino	João Soares do Nascimento d	49	Brasileira	Solteiro	Lavrador		Masculino	Km 89 da Sao Paulo Railway		Pirituba	2 de Dezembro	19:30	Faca		303		Sábado	
10	1909	011F023400413	Anastacia Zuppa	33	Italiana	Casada		Rua do Carmo, 33	Feminino	Athanasia Herminia	25	Italiana	Solteira		Rua do Carmo, 33	Feminino	Rua do Carmo	33	Se	30 de Outubro	11:00			303	sim	Sábado	
10	1909	011F023400413	Athanasia Herminia	25	Italiana	Solteira		Rua do Carmo, 33	Feminino	Anastacia Zuppa	33	Italiana	Casada		Rua do Carmo, 33	Feminino	Rua do Carmo	33	Se	30 de Outubro	11:00			303	sim	Sábado	
11	1911	A81900H05650002	Benedito Appolinario da Silva	35	Não Identificada	Casado		Rua do Paraizo,55	Masculino	Edwiges Appolinario da Silv	33	Brasileira	Casada		Rua do Vergueiro, 30A	Feminino	Rua do Vergueiro	30 A	Bela Vista	14 de Julho	13:30			303		Sexta	
12	1912		Americo Stella	15	Brasileira			Rua Brigadeiro Machado, 54	Masculino	Henrique Ramos	10	Brasileira			Rua Brigadeiro Machado, 42	Masculino	Rua Brigadeiro Machado		Mooca	3 de setembro			Tijolo	303		Terça	
13	1912		Joaquim Procopio Pinto Chichorro Neto	23	Brasileira	Solteiro	Estudante	Rua Visconde de Rio Branco, 2	Masculino	Jorge Worms	22	Brasileira	Solteiro	Jornalista	Rua General Jardim, 18	Masculino	Rua Ipiranga		Centro	7 de Dezembro	03:00		sim	303		Sábado	
14	1912		Oscar Augusto do Nascimento	33	Brasileira	Solteiro	Industrial	Av. Paulista	Masculino	Ignacio Romeiro	24		Solteiro			Masculino	Rua Xavier de Toledo	7	Centro	5 de Junho	04:00		Garrafa	303		Quarta	
15	1912		Carlos Antonio Alves		Não Identificada				Masculino	Carmelita						Feminino	Rua da Gloria		Liberdade								
16	1912		Paschoalina Palmeira		Não Identificada			Rua Martinho Prado	Feminino	Joao Carpinteiro Peres	35	Espanhola		Soldado da Guarda Civica		Masculino	Rua Martinho Prado	37	Sta. Cecilia					303			
17	1912		Sophia Tallermann	24	Russa	Solteira	Prostituta	Rua Sao Joao, 139 c	Feminino	Luiza Tiemann	19	Alema	Solteira	Meretriz	Rua Campos Salles 124	Feminino	Rua Sao Joao	139 c	Centro	28 de Agosto		Irrigador		303		Quarta	
18	1913	100C0063-0025-0	Apresentacao Holmes	43	Espanhola	Viuva	Operaria	Avenida Celso Garcia, 390	Feminino	Atilio Bovanero	33	Italiana	Casado	Operario	Avenida Celso Garcia, 390	Masculino	Avenida Celso Garcia	390	Bras		19:30			303	sim		
19	1913	100C0061-0039-1	Maria Peixoto	30	Brasileira			Rua da Gloria, 68	Feminino	Marietta de Oliveira	22	Brasileira	casada		Rua da Gloria, 68	Feminino	Rua da Gloria	68	Liberdade					303	sim		
20	1913	058L0853-0034-0	Mario Foyanini	28	Italiana			Rua do Triumpho	Masculino	Pachao	12	Italiana	Solteiro			Masculino	Rua do Triumpho		anta Efigen					303			
21	1914		Abrahaõ Jose	15	Síria	Solteiro	Empregado no comércio		Masculino	Francisco Matheus Ferreira	19	Portuguesa	Solteiro	Eletrecista		Masculino	Rua Carneiro Leao		Mooca		22:00		Tesoura	303			
22	1914		Alfredo Maria Pires	31	Portuguesa	Solteiro		Rua João Boemer, 49	Masculino	Joaquim Lopes de Souza	30	Portuguesa	Casado	Operario	Rua do Oratorio	Masculino	Rua do Oratorio	40	Mooca	9 de Agosto	16:30		sim	303 e 304		Domingo	
22	1914		Joao Antonio dos Santos	41	Portuguesa	Casado	Carroceiro	Rua do Oratorio, 31	Masculino	Joaquim Lopes de Souza	30	Portuguesa	Casado	Operario	Rua do Oratorio	Masculino	Rua do Oratorio	40	Mooca	9 de Agosto	16:30		sim	303 e 304		Domingo	
22	1914		Jose Maria dos Santos	29	Portuguesa	Casado	Praca do Estado menor		Masculino	Joaquim Lopes de Souza	30	Portuguesa	Casado	Operario	Rua do Oratorio	Masculino	Rua do Oratorio	40	Mooca	9 de Agosto	16:30		sim	303 e 304		Domingo	
23	1914		Angelo Falgetano	24	Italiana	Casado	Empregado na Antarcitica	Rua Joao Antonio de Oliveira,	Masculino	Joao Francisco Fernandes	37	Portuguesa	Casado	Trabalhador	Rua Joao Antonio de Oliveira, 6	Masculino	Rua Joao Antonio de Oliveira,	69	Mooca	21 de Dezembro	19:30		sim	303	sim	Segunda	
23	1914		Luiz Falgetano	25	Italiana	Solteiro	Operario	Rua Joao Antonio de Oliveira,	Masculino	Joao Francisco Fernandes	37	Portuguesa	Casado	Trabalhador	Rua Joao Antonio de Oliveira, 6	Masculino	Rua Joao Antonio de Oliveira,	69	Mooca	21 de Dezembro	19:30		sim	303	sim	Segunda	
23	1914		Carmine Falgetano	54	Italiana	Casado	Empregado na Antarcitica	Rua Joao Antonio de Oliveira,	Masculino	Joao Francisco Fernandes	37	Portuguesa	Casado	Trabalhador	Rua Joao Antonio de Oliveira, 6	Masculino	Rua Joao Antonio de Oliveira,	69	Mooca	21 de Dezembro	19:30		sim	303	sim	Segunda	
23	1914		Carmella Falgetano	24	Italiana	Solteira	Prendas domesticas	Rua Joao Antonio de Oliveira,	Feminino	Joao Francisco Fernandes	37	Portuguesa	Casado	Trabalhador	Rua Joao Antonio de Oliveira, 6	Masculino	Rua Joao Antonio de Oliveira,	69	Mooca	21 de Dezembro	19:30		sim	303	sim	Segunda	
24	1914		Antonio dos Santos Jacob	35	Portuguesa	Casado	Jornaleiro	Rua Muller, 151	Masculino	Antonio dos Reis	40	Portuguesa	Casado	Pedreiro	Rua Muller, 151	Masculino	Rua Muller	151	Mooca	22 de Outubro	16:20		sim	303	sim	Quinta	
24	1914		Antonio dos Reis	40	Portuguesa	Casado		Rua Muller, 151	Masculino	Antonio dos Santos Jacob	35	Portuguesa	Casado	Jornaleiro	Rua Muller, 151	Masculino	Rua Muller	151	Mooca	22 de Outubro	16:20		sim	303	sim	Quinta	
25	1914		Dimitri Chueiri		Síria		Negociante	Rua 25 de Marco	Masculino	Felicio Feres	29	Síria	Casado	Negociante	Rua General Carneiro, 5	Masculino	Rua General Carneiro	5	Centro	08 de Abril	14:00			303		Quarta	
26	1914		Ernesto Manfredi	57	Italiana	Viuvo	Negociante	Rua Manuel Dutra, 10	Masculino	Jose Maria Soares Bello	27	Portuguesa	Solteiro		Rua Luis de Vasconcellos, 32	Masculino	Rua Luis de Vasconcellos	32	Penha	15 de Outubro	21:00		sim	303		Quinta	
27	1914		Jose Maria Soares Bello	27	Portuguesa	Solteiro		Rua Luis de Vasconcellos, 32	Masculino	Ernesto Manfredi	57	Italiana	Viuvo	Negociante	Rua Luis de Vasconcellos, 32	Masculino	Rua Luis de Vasconcellos	32	Penha	15 de Outubro	21:00			303		Quinta	
28	1914		Henrique Baptista		Não Identificada				Masculino	Izaura Cesarina	27	Brasileira	Solteira	Cozinheira	Rua Major Diogo, 85	Feminino	Rua Major Diogo,	85	Bela Vista	24 de Fevereiro	21:00					Terça	
29	1914		Henrique Gayoso	36	Brasileira	Casado	Empregado	Rua do Triumpho, 3	Masculino	Anna Gayoso	26	Alema	Casada	Prendas domesticas	Rua do Triumpho, 3	Feminino	Rua do Triumpho	3	anta Efigen	28 de Outubro	19:30		sim	303		Quarta	
30	1914		Joao Jose dos Santos	20	Brasileira	Solteiro	Empregado	Rua do Tanque, 26	Masculino	Heitor Gomes	24	Brasileira	Solteiro	Operario	Rua Borges Lagoa, 60	Masculino	Rua Borges lagoa	60	a Clement	13 de Setembro	22:00			303		Domingo	
31	1913		Jose Arthur Capelvos		Não Identificada				Masculino	Casimiro de Almeida Barret	31	Portuguesa	Casado	Professor	Rua Catumby, 123	Masculino	Rua Catumby	123	Belenzinho	20 de marco	17:00		Sarrafo	303		Quinta	
32	1914		Luiz Basile	65	Italiana	Viuvo	Sapateiro	Rua Visconde de Parnahyba, 2	Masculino	Rosa Petroni	46	Italiana	Casada	Prendas Domesticas	Rua Visconde de Parnahyba, 2	Feminino	Rua Visconde de Parnahyba	212	Mooca	10 de Marco	16:00			303	sim	Terça	
33	1914		Manuel Jose Machado Parente	28	Portuguesa	Casado	Operario	Rua Casimiro de Abreu, 156	Masculino	Jose Maria Machado Palhol	38	Portuguesa	Casado	Negociante	Rua Mixta, 66	Masculino	Rua Casimiro de Abreu	156 A	Bras	23 de Abril	14:00		sim	303		Quinta	
34	1914		Manoel Siqueira	46	Portuguesa	Casado	Acougueiro	Rua Canuto do Val, 34	Masculino	Luiz Frejo	22	Portuguesa	Solteiro	Operario	Avenida Tiradentes, 158	Masculino	Avenida Tiradentes	158	Luz	21 de Junho	21:00		sim	303		Domingo	
34	1914		Luiz Frejo	22	Portuguesa	Solteiro	Operario	Avenida Tiradentes, 158	Masculino	Manoel Siqueira	46	Portuguesa	Casado	Acougueiro	Rua Canuto de Val, 36	Masculino	Avenida Tiradentes	158	Luz	21 de Junho	21:00		Punhal	sim	303	Domingo	
34	1914		Carlos Siqueira	18	Brasileira	Solteiro	Acougueiro	Rua Canuto do Val, 34	Masculino	Luiz Frejo	22	Portuguesa	Casado	Operario	Avenida Tiradentes, 158	Masculino	Avenida Tiradentes	158	Luz	21 de Junho	21:00		sim	303		Domingo	
35	1914		Rosa Golcha	24	Alema	Viuva		Rua Senador Feijo, 1	Feminino	Lola Baptista	21	Alema	Solteira		Rua Senador Feijo, 17	Feminino	Rua Senador Feijo	17	Centro	10 de Agosto	23:30			303		Segunda	
36	1915		Antonio Alves de Barros	39	Brasileira	Casado	Chapeleiro	Vila Prudente	Masculino	Veronica Luciette	43	Italiana	Casada		Vila Prudente	Feminino	Vila Prudente		la Prudent	22 de Outubro	17:00		sim	304	sim	Sexta	
37	1915		Jose Vieira	27	Portuguesa	Solteiro	Carpinteiro	Rua Tibirica, 28	Masculino	Damiao Vieira	25	Portuguesa	Solteiro		Rua Jose Monteiro, 79	Masculino	Rua Caninde	43	Pary	17 de fevereiro	15:00			303		Quarta	
37	1915		Damiao Vieira	25	Portuguesa	Solteiro		Rua Jose Monteiro, 79	Masculino	Jose Vieira	27	Portuguesa	Solteiro	Carpinteiro	Rua Tibirica, 28	Masculino	Rua Caninde	43	Pary	17 de fevereiro	15:00			303		Quarta	
37	1915		Antonio Carami	20	Turca	Solteiro	Empregado	Rua Caninde, 43	Masculino							Não Identificada	Rua Caninde	43	Pary	17 de Fevereiro	15:00			303		Quarta	
38	1915		Cyrillo Cartagena	50	Espanhola	Casado	Empregado	Avenida Rangel Pestana, 96	Masculino	Celeste de Souza Bueno	47	Brasileira	Viuva		Avenida Rangel Pestana, 94	Feminino	Avenida Rangel Pestana	94	Caninde	22 de Agosto	22:00		Tijolo	303	sim	Domingo	
39	1915		Domingos Bracnaro	42	Italiana	Casado	Trabalhador	Alto de Sant'Anna	Masculino	Aleixo Bersagii	46	Italiana	Viuvo	Pedreiro	Rua Dr. Cesar, 75	Masculino	Rua Mirim		Santana	15 de Maio	18:00		Faca	303		Sábado	
40	1915		Francisco Gidi	20	Síria	Solteiro	Negociante	Rua Viconde de Parnahyba, 6	Masculino	Damut Aniz	30	Turca	Casado	Trabalhador	Rua Carneiro Leao, 26	Masculino	Rua Carneiro Leao		Bras	22 de Outubro	16:00		Faca	303		Sexta	
41	1915		Francisco Malvasio (vulgo Cicarelli)	35	Italiana	Casado	Carroceiro		Masculino	Vicente Rinaldo	23	Italiana	Casado	Marceneiro	Rua da Floresta	Masculino	Rua da Florsta		Vila Marian	20 de Novembro	16:00		Arma de fogo	303		Sábado	
42	1915		German Fernandes	31	Argentina	Casado	Joquei	Rua Bresser	Masculino	Felippe Menjou	51	Uruguai		Joquei	Rua Bresser, 464	Masculino	Rua Bresser		lyppodrom	24 de Outubro	17:00		Chicote	303		Domingo	
43	1915	010D0961-0022-0	Jose Calderaro	19	Brasileira	Solteiro	Operario	Rua Galvao Bueno, 95	Masculino	Helena da Conceicao	28	Brasileira	Casada	Meretriz	Rua Galvao Bueno, 95	Feminino	Rua Galvao Bueno	95	Liberdade	10 de Julho				303	sim	Sábado	
44	1915		Jose Salerno	25	Italiana		Jornaleiro	Rua Aureliano Peixoto	Masculino	Januario Carvanelli	55	Italiana		Jornaleiro	Rua Aureliano Peixoto	Masculino	Rua Ruy Barbosa		Bela Vista	26 de Outubro			sim	303		Terça	
45	1915		Manoel Antonio Martins	48	Portuguesa	Casado	Vaqueiro		Masculino	Francisco Jose de Castro	12	Portuguesa	Solteiro			Masculino	Rua Marcos Arruda		Belenzinh					303			
46	1914		Simas das Chagas	48	Brasileira	Viuvo	Emprego Publico	Rua Brigadeiro Galvao, 129B	Masculino	Benedita Maria da Conceica	20	Brasileira	Viuva	Servicos Domesticos	Rua Brigadeiro Galvao, 129B	Feminino	Rua Brigadeiro Galvao	129B	anta Cecilia	15 de Dezembro	16:30		Faca	sim	303	sim	Terça
47	1915		Simon Wucherer	44	Austriaca	Viuvo	Proprietario	Tremembe	Masculino	Paulo Daten	3																

Já a escolha desta carta se deu, pois, a cidade de São Paulo cresceu muito a partir de 1890, data de início da pesquisa, o que fez com que ela se transformasse muito. A opção por mapas de anos anteriores não contemplavam todos os espaços assinalados como locais de ocorrências criminais. Também, a maior parte das fontes documentais estão localizadas na década de 1910, havendo cerca de três crimes de agressão digitalizados em acervo até o ano de 1930. Ou seja, poucos casos para que o espaço temporal fosse ampliado gerando a necessidade de uso de uma nova imagem, já com mais transformações do que as assinaladas pela cidade e que poderia desconfigurar a estrutura buscada na pesquisa.

Foram produzidos 30 mapas⁶, a partir de vetores traçados com a digitalização do mapa referido, para identificar as temáticas aqui propostas.

Figura 1- Planta da Cidade de São Paulo (1916)⁷

Para produzir o vetor abaixo (Figura 2), foi necessário o cumprimento das

⁶ Todos os mapas aqui trabalhados são de autoria de Maíra Rosin.

⁷ Fonte: 1916 – Planta da cidade de São Paulo levantada pela divisão cadastral da 2ª secção de Obras e Viação da Prefeitura Municipal (escala 1:20000). Disponível no Núcleo de Acervo Cartográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

seguintes etapas:

- 1) Digitalização: O mapa original foi fotografado por uma câmera Hasselblad, que garante uma visualização em alta definição. A fotografia bruta foi tratada a fim de garantir uma alta qualidade e a partir desta imagem é possível cumprir com as etapas seguintes;
- 2) Georreferenciamento: ou seja, tornar as coordenadas do mundo real conhecidas em um determinado sistema de referência. No caso da imagem, fazer com que ela se adeque às coordenadas do mundo real. Para isso, tomam-se pontos conhecidos na São Paulo de hoje (2013), existentes também no ano de 1916, para gerar pontos de controle na carta fotografada. Após a escolha, as coordenadas geográficas dos pontos foram colhidas no Google Maps e inseridas na carta através do programa gvSIG, logo após são georreferenciadas para que a imagem esteja de acordo com o mundo real.
- 3) Vetorização: Foram desenhados sobre a carta todos os planos de informações contidas nela (nome dos bairros, ruas, ferrovias) e também os locais de ocorrência dos crimes aqui trabalhados, gerando assim um *layer* e uma tabela de banco de dados.
- 4) Mapa: Por fim é gerado o mapa, que através de filtros contém as informações requeridas.

Figura 2 – Mapa vetorial de São Paulo

Já em relação aos autos-crime, foram utilizados na pesquisa 61 processos incursos nos Artigos 303 e 304 do Código Penal de 1890, que se referem às agressões:

CAPITULO V
DAS LESÕES CORPORAES

Art.303. Offender physicamente alguém, produzindo-lhe dôr ou alguma lesão no corpo, embora sem derramamento de sangue.

Art. 304. Si da lesão corporal resultar mutilação ou amputação, deformidade ou privação permanente do uso de um órgão ou membro, ou qualquer enfermidade incuravel e que prive para sempre o offendido de poder exercer o seu trabalho ⁸

Todos estes processos foram digitalizados no acervo do Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (ATJSP) e foram coletados como parte da pesquisa “História das mulheres ex-escravas e imigrantes na história social da urbanização de São Paulo (1870 - 1940)”, coordenado pelas docentes Maria Odila Leite da Silva Dias e Lucília Siqueira entre os anos de 2007 e 2011. Durante esse período foram digitalizados 629 autos-crime, compreendidos entre os anos de 1870 e 1930, que servem de documentos para o desenvolvimento da pesquisa. Destes, foram separados os processos de agressão compreendidos entre os anos de 1890 e 1920, por fazerem parte do acervo já enquadrado no Código Penal da República (1890) e compreenderem o maior volume de processos deste tipo dentro do escopo documental.

A pesquisa neste órgão é feita mediante autorização, requerida no Fórum João Mendes, e para sua concessão é necessário vínculo com alguma instituição de ensino e pesquisa, bem como detalhamento do motivo do desarquivamento dos processos. Esta autorização foi requerida no ano de 2008, quando se iniciaram as pesquisas do grupo. No entanto, a gestão destes arquivos se coloca como um entrave no acesso aos documentos, ainda que com a referida

⁸ Código Penal de 1890. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049> acessado em 02 de maio de 2013.

autorização em vigência. Primeiramente, faz-se a requisição dos arquivos na sede do ATJSP, localizada na Rua dos Sorocabanos, no bairro do Ipiranga em São Paulo. No entanto, os processos estão armazenados em Jundiaí, no interior de São Paulo, ao encargo de uma empresa terceirizada. É necessário um requerimento prévio para o acesso a estes processos, que não apresentam uma forma comum de catalogação, o que dificulta o acesso à documentação.

As fontes coletadas no ATJSP, apesar de serem muitas, oferecem vários problemas para o pesquisador, uma vez que o próprio órgão não tem controle de seu acervo. A lista oficial de processos apresentada pelo ATJSP não corresponde à realidade dos processos ali encontrados.

Os processos do ATJSP utilizados como fonte neste trabalho oferecem as seguintes referências: órgão processante, nome do réu, ano de abertura do processo e, caso conste, número de catalogação por processo enquanto parte do acervo do Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Essa é a única padronização que consta em todos os documentos usados para a constituição desta dissertação. Muitos dos processos já estão deteriorados e perderam suas capas, entre outras informações fundamentais para a identificação plena do arquivo. A numeração dos processos pelo Arquivo do Judiciário de São Paulo não é única: alguns processos têm apenas um número antigo, escrito a lápis na capa, outros têm apenas um número eletrônico representado por uma etiqueta com código de barras, número este a ser apresentado caso esteja presente no processo, outros têm os dois, e a maioria não apresenta qualquer numeração. Todos os autos-crime aqui utilizados, quando forem transcritos, serão colocados como se encontram na fonte original, ou seja, o texto não será adequado à forma escrita atualmente vigente da língua portuguesa.

Não foi possível acessar autos que estavam na listagem oficial e, no entanto, recebemos outro sem qualquer tipo de etiqueta e que não constavam na lista fornecida no arquivo. Por muitas vezes recebemos as mesmas caixas, e todas elas pertencentes apenas à 1ª Vara Criminal e à Vara do Tribunal do Juri, a qual competem os crimes contra a vida.

O estado de conservação das fontes também é bastante precário. O local onde o acervo está armazenado já passou por diversas adversidades que acabaram danificando muitos dos processos ali depositados, alguns

permanentemente, tornando-os inviáveis para utilização em qualquer tipo de pesquisa.

No momento, está em curso um plano de informatização deste acervo, para enfim mensurar o tamanho e a quantidade de documentos ali arquivados e melhorar o sistema de acesso dos pesquisadores a estas fontes.

É também importante compreender a natureza das fontes aqui utilizadas. Por se tratarem de documentos oficiais, compostos por autoridades policiais, muito do que são aqueles personagens que ali aparecem acaba por se perder naquele discurso. Na grande maioria dos casos os depoimentos, a forma como aquela ocorrência é relatada, não parte da interpretação daqueles que estiveram presentes em seu acontecimento, mas sim da interpretação dessa autoridades sobre aquele relato.

Todos os crimes aqui trabalhados estão presentes na construção dos mapas, dissociados pelos diversos fatores de interesse a ser trabalhados. Alguns, porém, encontram-se destacados, pois oferecem algum fator de curiosidade ou mesmo foram casos interessantes observados em meio ao acervo geral dos processos coletados, com seus locais de ocorrência e uma breve história do fato narrada entre o texto, tendo caráter ilustrativo.

Para determinar o local onde possivelmente ficava o imóvel onde a ocorrência foi registrada ou a posição da rua onde aconteceu o conflito, foi utilizada a determinação do Ato número 1013 de 13 de fevereiro de 1936, que diz o seguinte:

II – NUMERAÇÃO DOS IMOVEIS

Art. 8º - A numeração dos imóveis de uma via pública começara no cruzamento do seu eixo com o eixo da via pública de origem.

(...)

Art. 10º - O numero de cada prédio corresponderá aproximadamente à distância medida em metros, pelo eixo da via, desde a origem até o meio da soleira e será par à direita e impar à esquerda.

§ 1º - As soleiras a que se refere o artigo anterior são correspondentes às entradas principais dos prédios.

§ 2º - Os muros, cercas e portões serão numerados de acôrdo com

o presente ato; os que não tiverem portões receberão um número correspondente ao meio da testada. Em ambos os casos será esse número acompanhado da dimensão da frente do terreno.⁹

Ainda que a legislação em questão seja posterior ao período abordado, não foi encontrado outro registro oficial que determinasse a numeração dos imóveis em questão, logo, essa foi a alternativa adotada para que os locais da ocorrência pudessem ser localizados nos mapas apresentados. Entende-se que a criação de uma legislação apenas formalizou a numeração dos imóveis da capital paulista, uma vez que estas normas encontram-se pré-estabelecidas, vindo a lei apenas regular e adequar os edifícios.

Vale ressaltar que a numeração se estabelece de forma fluida, sem critério preciso até a adoção do Ato aqui citado. A opção foi por localizar a ocorrência da forma que mais a aproximasse de seu local exato.

No capítulo 1, iremos abordar a forma como o crescimento urbano e populacional da de São Paulo contribuíram para o aumento da taxa de criminalidade na cidade.

No capítulo 2, abordaremos a espacialização dos crimes de agressão registrados nos processos-crime entre os anos de 1890 e 1920, bem como a análise de alguns dos registros criminais.

No capítulo 3, abordaremos a forma com a qual o uso do SIG pode contribuir para a criação de novos paradigmas nos estudos históricos.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é demonstrar de que forma a inserção de uma nova tecnologia empregada na área das ciências humanas pode mudar alguns padrões e inserir novas perspectivas dentro de estudos tradicionais na área de História.

⁹ Ato número 1013 de 13 de Fevereiro de 1936. Disponível em camaramunicipalsp.qaplaweb.com.br/iah/fulltext/atosgovernoprovisorio/AGP1013-1936.pdf. Acessado em 20/04/2013.

1. Pelas ruas da pauliceia: crescimento urbano e criminalidade

Até o final do século XIX, São Paulo não passava de uma pequena vila, povoada de pequenos comerciantes e prestadores de serviços. A cidade estava longe de ser reconhecida como um lugar industrial, tão pouco concentrava os milhares de imigrantes que povoam nosso imaginário.

Figura 3 – Planta da Cidade de São Paulo em 1850 com a região do Triângulo em destaque

Durante o período de João Teodoro na presidência da província de São Paulo (1872-1875), começa um programa de modernização urbanística da cidade, promovendo a “amenidade da ordem pública e da amenidade de costumes, com os melhoramentos e distrações inocentes, que afastam os homens dos jogos e da embriaguez”¹⁰.

Foi apenas nos anos 1890 que a cidade ultrapassou os limites do Triângulo, região compreendida entre as ruas Direita, São Bento e XV de Novembro, que no mapa acima (Figura 3) ainda se chama rua do Rosário e posteriormente chamada de Rua da Imperatriz até o advento da República. Foi nesse período que as grandes levas de imigrantes chegaram à cidade.

Fonte: BASSANEZI, Maria; SCOTT, Ana; BACELLAR, Carlos; TRUZZI, Oswaldo. Atlas da Imigração Internacional em São Paulo 1850-1950. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 19.

Em 1890, a cidade já conta com uma população de 65 mil habitantes, passando para o número de 375 mil em 1910, sendo que grande parte, quase 50% da população era composta por imigrantes¹¹. Também nesse período começou uma febre de

¹⁰ CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade*. São Paulo: Senac, 2000. P. 47.

¹¹ Disponível em http://smdu.prefeitura.sp.go.br/historico_demografico/1890.php acessado em 20/07/2012.

loteamentos na capital, incentivada pelo suíço Fernando Glette e o alemão Vitor Nothmann, que lotearam o que viria a se tornar o bairro dos Campos Elíseos.

A imigração é o ponto chave para a compreensão da transformação de São Paulo do século XIX para o século XX, mas não podemos deixar de lado aqueles que já moravam na cidade. Negros forros, migrantes e tantos outros dividiam espaço com essa nova população da cidade, seja pelas ruas ou nas casinhas e cortiços que serviam de habitação para a maior parte dos habitantes de São Paulo.

Foi nesse período que os limites da cidade ultrapassam o Rio Tamanduateí, em direção aos depois chamados bairros fabris, como Brás, Belenzinho e Móoca, formando um mundo diverso daquele visto no centro, regido pelos apitos das fábricas e abrigando grande parte da população imigrante recém chegada à cidade. A cidade foi povoada por um novo grupo de pessoas, com aspectos culturais diversos e, sem estrutura para o recebimento dessa nova população, começava a apresentar um crescimento desgovernado ¹², onde as moradias escassas abriam espaços para grandes cortiços e a presença forte de imigrantes trabalhando em subempregos para garantir seu sustento.

Do outro lado do Tamanduateí, totalmente desconhecido dos salões cultos da cidade, vicejava uma cultura possivelmente mais movimentada e plena do que supunha a boa cidade. Nos cortiços do Brás, nas ruas e vielas do Bexiga, nos botequins da Barra Funda, o teatro, o cinema, a ópera são atividades eminentemente populares.¹³

O crescimento da população pode ser visto na tabela a seguir:

¹² Raquel Rolnik, em sua obra *A cidade e a Lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo* que a ocupação de São Paulo foi pensada pelo governo para que se tornasse uma grande metrópole industrializada.

¹³ PAOLI, Maria Célia e DUARTE, Adriano. "São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade" in *História da Cidade de São Paulo*, v. 3: *a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. P. 53.

TABELA 2¹⁴

Evolução das populações de São Paulo, do Rio de Janeiro e Brasil – 1872-1920							
Anos	São Paulo		Rio de Janeiro		Brasil	B/A	D/C
	<i>Estado A</i>	<i>Cidade B</i>	<i>Estado C</i>	<i>Cidade D</i>		%	%
1872	837.354	23.243	1.057.696	274.972	9.930.470	2,7	25,9
1890	1.384.753	64.934	1.399.535	522.651	14.333.915	4,6	37,3
1900	2.282.279	239.934	1.617.600	691.565	17.318.556	10,5	42,7
1920	4.592.188	579.033	2.717.244	1.157.873	30.653.605	12,6	42,6
1934	6.433.327	1.003.202				16	

São Paulo dependia dos imigrantes para manter seu acelerado crescimento, com isso crescia também a criminalidade, com forte participação de estrangeiros. Nos aspectos que mais se destacam, constam as diferenças culturais e as dificuldades de adaptação dessa nova cara da cidade aos costumes e às leis locais. As fontes utilizadas nesta pesquisa mostram forte presença de estrangeiros nos autos das delegacias paulistanas.

Figura 4 – Crimes de agressão em São Paulo – Origem dos réus

¹⁴ Fonte: Séries Estatísticas Respectivas. Rio de Janeiro, IBGE, 1986, p.32 e Singer, P. Op. Cit., p.36. Recenseamento de 1934. Boletim do Departamento Estadual de Estatística. São Paulo, n. 1, v. 1, 1939, p. 74-105. Apud: SZMRECSANYI, Tamas e SILVA, Sérgio S. (org). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec, 2002. P. 354.

Na figura 4, vemos os crimes cometidos por imigrantes na cidade de São Paulo no período abordado e se constituem entre tão diversas nacionalidades e localidades. No bairro do Bexiga, bem como na Móoca, podemos perceber grande concentração de crimes cometidos por italianos. Desta maneira, fica claro que essas regiões, até os dias de hoje, são locais tidos como “bairros italianos” na cidade. Já no centro, na região da Sé, a presença de brasileiros é bastante forte, uma vez que essas são pessoas que trabalham em comércios da região central, onde a necessidade do falar da língua portuguesa é essencial para a manutenção das atividades comerciais, mais presentes no triângulo, que também é uma zona que concentra cinemas, teatros, bares e cafés.

Quando olhamos o mapa de nacionalidades das vítimas, a observação se dá da mesma forma, ou seja, a percepção de mais brasileiros no centro da cidade, enquanto os estrangeiros ocupam as zonas mais fabris e de moradia popular.

Figura 5 – Crimes de agressão em São Paulo – Origem das vítimas

Outra questão importante a ser abordada é o fato de grande parte dessas ocorrências aconteceu nas ruas da cidade, nos locais de circulação da população. Aqui é interessante observar que estas agressões se dão não só na região do triângulo, com algumas exceções, mas também nas zonas próximas às estações ferroviárias.

Figura 6 – Crimes de agressão nas ruas de São Paulo

O cinturão industrial cresceu ainda mais, ocupou áreas de várzeas, o que em determinado momento vai levar o governo a tentar reurbanizar áreas ocupadas pela população de baixa renda, como a Várzea do Carmo, e se estendeu para regiões como Pari, Barra Funda, Ipiranga ou ainda, criou bairros populares próximos a áreas de prestígio da cidade, como Bexiga e Cambuci.¹⁵

As ruas da cidade nos mostram a grande circulação de pessoas que diariamente caminhavam por elas. Outro fator que nos faz perceber sobre a movimentação de pessoas na cidade está relacionado ao horário das ocorrências. São mais frequentes no período noturno, considerado aqui o horário após as 17h, quando os trabalhadores já deixaram seus postos e estão novamente em trânsito pelas ruas da cidade.

Figura 7 – Crimes de agressão em São Paulo por horário de ocorrência

¹⁵ CAMPOS, P. 91.

Embora a circulação de pessoas e o horário das agressões esteja vinculado ao lazer fora do tempo da fábrica, percebemos que o domingo, dia de folga de quase todos os trabalhadores não está associado ao aumento da criminalidade.

O tempo do lazer, embora nos dê noção de um espaço temporal onde os ânimos estão mais aflorados, não exerce influência naquilo que podemos observar como tendência ao relacionarmos tempo e espaço, diferente do que acabamos de ver com relação ao período noturno. Se observarmos, por exemplo, a existências de crimes de agressão relacionados a embriaguez, uma situação também decorrente do período de lazer da população, com o domingo, teremos o resultado a seguir:

Figura 8 – Crimes de agressão por embriaguez no domingo

Dentro de um escopo de 61 processos, apenas dois deles relacionam a embriaguez ao tempo de lazer, o domingo, nos levando a crer que a prática criminal está ligada ao tempo livre, seja ele após o trabalho ou no dia de folga, não necessariamente a um dia da semana onde não se está na fábrica ou no comércio.

Se observarmos o mapa com todos os processos aqui trabalhados relacionados pelo dia da semana em que ocorreram, encontraremos os seguintes resultados.

Figura 9 – Crimes de agressão por dia de ocorrência

O governo começou uma série de obras a fim de fazer uma reforma urbana. O engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza se encarregou de grande parte das intervenções, ligadas ao progresso econômico trazido pelo café em São Paulo. Foram erguidos edifícios monumentais, além de planos na ampliação da rede elétrica, de esgoto e água encanada.

Área Urbanizada
1882/1914

O mapa acima mostra o amplo crescimento da mancha urbana de São Paulo em um período relativamente curto de tempo. A cidade dobra de tamanho no período entre 1882 e 1914, crescendo ainda mais nos anos que se seguem.

A São Paulo do século XIX, segundo Fraya Frehse, era um laboratório para que fossem testadas perspectivas e para que se pudessem instaurar uma sociedade efetivamente moderna no Brasil¹⁷. Além do que, o moderno seria uma baliza metodológica para a compreensão de um espaço urbano diferente¹⁸. Até esse período, São Paulo não havia passado por nenhuma reforma urbana significativa, apenas por reparos a fim de conter danos estruturais causados, por exemplo, pelas cheias dos rios.

Maria Odila Leite da Silva Dias aponta que São Paulo manteve no século XX o que já demonstrava no século XIX. Tratava-se de um espaço urbano precário¹⁹, que se manteria mesmo com as tentativas de modernização, que abrangiam apenas a região do centro, mais próximas ao triângulo e outras por onde circulava a camada mais privilegiada da população.

É nesse cenário que surgem as levas de imigrantes. Espanhóis, portugueses e, sobretudo, italianos ocupavam os cortiços e principalmente os postos de trabalho da cidade, tornando São Paulo, como apontou Nicolau Sevcenko, uma espécie de “Babel Invertida”²⁰, onde as diversas nacionalidades se encontravam em um emaranhado de pessoas, tornando a cidade dinâmica, mas ao mesmo tempo caótica.

Nesse quadro, estabelecido pela expansão internacional da economia cafeeira, a cidade de São Paulo, subproduto imprevisto e inoportuno dessa evolução, aparece aos agentes desgarrados e itinerantes enredados nela, como possível boia salva-vidas (...) Desenganados das falácias do “ouro verde” (...) esses homens e mulheres das mais variadas culturas e extrações sociais, buscariam em São Paulo uma válvula de escape, um abrigo temporário ou, no melhor dos casos, uma segunda chance na indústria ou nos serviços.²¹

Ou ainda:

¹⁷ FREHSE, Fraya. *Ô da rua!.* São Paulo: Edusp: 2011. P. 22.

¹⁸ Idem, P. 31.

¹⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.* São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 67.

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. “1 – A abertura em acordos heroicos dos anos loucos” in *Orfeu Extático na Metrópole.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P. 37.

²¹ Idem. P. 21.

A cidade de São Paulo foi, nesse período, uma espécie de laboratório social da invenção da nacionalidade para os que, nas diferentes classes sociais, aqui chegaram e ficaram. (...) Na cidade nascia Macunaíma e nascia a modernidade do nenhum caráter, das identidades imprecisas.²²

Grande parte dessa população, brasileiros pobres e imigrantes, estava encortiçada, já que era uma opção barata de moradia e onde vivam muitas pessoas ao mesmo tempo. Embora fosse um espaço privado, o cortiço funcionava como uma extensão da rua, do espaço público, devido ao volume de pessoas que ali estavam simultaneamente. Raquel Rolnik aponta que o cortiço, assim como as favelas que se formaram posteriormente, são espaços marginalizados, que se colocam de forma contraditória entre o público e o privado e se apresentam como um local de territorialidade inimiga²³.

Os cortiços eram fiscalizados e problematizados pelo poder público, tanto, que ainda no ano de 1893 foi realizada uma grande inspeção nos cortiços da região da rua Santa Efigênia, que considerou boa parte daquelas habitações insalubres²⁴. “Desde o final do século XIX, territórios de prostituição e territórios concentradores de cortiços eram coincidentes e submetidos a vigilância policial”²⁵.

O encortiçamento e a convivência entre pessoas de culturas tão diferentes no mesmo espaço acabava por gerar conflitos dentro das moradias populares ou mesmo nas ruas da cidade. Essa característica era comum não só na cidade de São Paulo como também, como aponta Sidney Chalhoub, no Rio de Janeiro, onde havia uma clara ligação entre os conflitos e o problema da habitação²⁶.

É inegável o papel desempenhado pelo imigrante estrangeiro no processo de urbanização das cidades que os receberam. No caso de São Paulo, os imigrantes

²² MARTINS, José de Souza. “O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira” in PORTA, Paula (Org.) *História da Cidade de São Paulo v. 3: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. P. 156.

²³ ROLNIK, Raquel. “São Paulo na virada do século: territórios e poder” in *Cadernos de História de São Paulo*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, nº 1, jan/dez 1992. P. 42.

²⁴ *Relatório da Comissão de exame e inspeção das habitações operárias e cortiços de Sta. Ephigênia (1893)*. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/cesariomarcado.php> acessado em 16/01/2013.

²⁵ FELDMAN, Sarah. “Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)” in LANNA, Ana Lucia Duarte [et al] (Orgs.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011. P. 45.

²⁶ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Unicamp, 2001. P. 59.

europeus influenciaram decisivamente na configuração sócio cultural e econômica da capital paulista, com a transposição de seus hábitos e valores culturais que marcaram decisivamente a face e a pluralidade de São Paulo. ²⁷

Não eram só imigrantes que viviam na cidade, tão pouco trabalhavam todos na indústria. Havia ainda lavadeiras, carroceiros, jornaleiros, comerciantes. Brasileiros, ex-escravos, migrantes e mesmo imigrantes que se dividiam em diversas ocupações e que mantinham viva a cidade de São Paulo. Esses profissionais “já existiam na sociedade paulistana da escravidão e se transformaram ganhando maior diversificação com o surto da imigração europeia”²⁸.

São Paulo expandiu sua população da mesma forma que expandiu suas fronteiras, fato que se nota com clareza através do mapa abaixo:

Figura 11 – Crescimento viário da Cidade de São Paulo (1850 – 1916)

²⁷ SANTOS, Fábio Alexandre dos. *Domando as águas*. São Paulo: Alameda, 2011. P. 83.

²⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Introdução” in PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência*. São Paulo: Edusp, 1994. P. 14.

Para Raquel Rolnik, no início da República, São Paulo já era uma cidade de fronteiras abertas, cujas rápidas e multidimensionais transformações mudaram enredos, palcos e personagens da cidade:

A explosão demográfica do período, fruto principalmente da imigração estrangeira, por si só não explica a transformação da cidade: mais do que crescer e aumentar a complexidade de sua administração, São Paulo se redefiniu territorialmente.²⁹

Para os imigrantes, a situação de caos da cidade também podia ser sentida através de relatos estampados nos jornais de circulação nas colônias, como podemos ver através do trecho a seguir:

São Paulo não é só “uma grande cidade”, como de forma bastante otimista a definiu um valente colega, mas uma cidade onde não existe nem a mentalidade nem a consciência própria de cada ser humano; é uma cidadezinha de habitantes desprovidos de consciência e de mentes. (...) É por isso que em São Paulo ainda não se pode sentir uma luta pela defesa da justiça, a lei é rasgada e, depois de tudo, não pode mais ser reguladora dos usos e costumes da cidade.³⁰

Outro grande crítico da cidade foi o cronista Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, um dos precursores do movimento Modernista. Em seu dialeto particular, uma espécie de mistura do português com a sonoridade do italiano, Bananere expõe a cidade de São Paulo, falando em nome de todos aqueles que lá viviam e ridicularizando os poetas parnasianos e sua expressão literária da elite, da oligarquia cafeeira, exaltando os bairros populares e seus viventes:

(...)

O maestro xamô elli un dia,

I priguntô:

- Vuc sabe giograffia?

- Come nó!? Se molto bê si signore,

- Quale é o maggiore distritto di Zan Baolo?

- O maggiore distritto di Zan Baolo,

²⁹ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fapesp/Studio Nobel, 1997. P. 28.

³⁰ *Avanti! Giornale Socialista Quotidiano*. Ano IX, número 2071. 29 de Julho de 1908. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/periodicos/jornais/AV19080729.pdf> acessado em 29/09/2012. Tradução minha.

O maise bello e ch'io maise dimiro
É o Bó Ritiro!
O maestro furioso di indignaçó,
Batte con nergia u pé nu chó,
I gritta tutto virmeligno:
- O migliore distritto é o Billezigno.
- Ma u aguia do piqueno inveiz,
C'oa brutta carma dissa otraveis:
- O distritto che io maise dimiro,
- É o Bó Ritiro!
O maestro, viremglio di indignaçó,
Alivantô da mesa come un furacó,
I pigano un mappa du Braz Disse:
Mostre o Bó Ritiro aqui si fô capaiz!
Alóra o piqueno tambê si alevantô
I baténo a mon inzima o goraçó,
Disse: - **O BÓ RITIRO STÁ AQUI!** ³¹

Desta forma, São Paulo vai se tornando um emaranhado de lugares e pessoas, que vão circulando pela cidade, criando vínculos, conflitos e construindo aquela que viria a se tornar a maior cidade do país. Os conflitos de agressão fazem parte de todo esse círculo de convivências pelas ruas e casas da nova metrópole, criticada ou exaltada por seus habitantes.

³¹ BANANERE, Juó. "O Studenti do Bó Ritiro – poesia patriótica" in *La Divina Incrensa*. São Paulo: Editora 34, 2007. P. 19.

2. O uso do SIG para mapeamento dos crimes de agressão em São Paulo (1890-1920)

As transformações sofridas pela cidade de São Paulo trouxeram também uma mudança na ordem pública. A imensa leva de imigrantes atraiu atenção da polícia, para que fosse mantida a ordem pública³³.

Para a construção deste capítulo, foram analisados 61 autos-crime de agressão na cidade de São Paulo. Foram construídos 28 mapas a partir de cruzamentos de informações sobre estas ocorrências (Tabela 1), que serão analisados aqui. Através destas comparações, podemos verificar a abrangência espacial das agressões na cidade entre os anos de 1890 e 1920.

O aumento na criminalidade registrada na cidade começa a ser associada à presença do estrangeiro e ao elevado crescimento urbano. Negros e brancos pobres habitavam próximos uns aos outros, ambos atribuídos à zona de criminalidade:

Os negros e mulatos foram cristalizados em sua maioria no subemprego e nos empregos inferiores, não obstante sua convivência física com os brancos pobres, em locais como os cortiços do Bixiga. (...) Na medida em que a violação das normas penais vinha associada à recente presença de estrangeiros, o preconceito contra estes e a sua associação com a criminalidade ganhou confronto naqueles anos.” (início do século XX) ³⁴

Muito já se estudou sobre a criminalidade na cidade, assim como já dito anteriormente, sobre a grande massa de imigrados que aqui residiam e sobre o fervoroso crescimento da metrópole em que São Paulo se transformava, a espacialização destas ocorrências não foi realizada até agora.

Essa análise circula entre o espaço público e o privado, como demonstra Zuleika Alvim:

³³ FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano*. São Paulo: Edusp, 2001. P. 49.

³⁴ FAUSTO, P. 21 a 23. Nota minha.

“A história do imigrante talvez seja um dos melhores relatos do choque entre o público e o privado, sobretudo se voltarmos nosso foco para os grandes movimentos populacionais ocorridos entre 1830 e 1930, que caracterizaram a Europa expulsora, de um lado, e a América ávida por povoadores, de outro. Com certeza é nesse período que populações inteiras, cujo horizonte estava circunscrito às aldeias nativas e o comportamento pautado por regras seculares, que passavam de pai para filho pela via oral, viram-se atiradas num vasto mundo de anônimos.

Europeus, africanos e asiáticos, portadores de culturas e hábitos tão díspares, passaram a conviver entre si, obedecendo a regras controladas não mais pelas comunidades a que pertenciam e onde todo mundo se conhecia, mas por autoridades impalpáveis e invisíveis como as do Estado, da burguesia naval que os transportava de um lado ao outro do mundo, de novos donos de terras ou indústrias, seus novos patrões nas terras de adoção.”³⁵

Através do mapeamento das ocorrências, poderemos enxergar os locais de trânsito da população pela cidade, a sociabilidade entre os habitantes da cidade e as agressões em espaço privado, nas lojas, nos bordeis e principalmente nos cortiços de São Paulo.

Figura 12 – Agressões em São Paulo (1890 – 1920)

³⁵ ALVIM, Zuleika. “Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo” in SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil – Volume 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 216.

Através do mapa acima podemos notar que a ocorrência de crimes pouco se dá nas regiões mais periféricas da cidade, uma vez que mesmo a nova população imigrante que lá vivia procurava se concentrar no centro, local onde havia maior circulação de pessoas, possibilidades de empregos e também melhores condições de vida, por ter alguma infraestrutura que as periferias da cidade não possuíam.

Dentre as agressões registradas no período, muitas ocorreram exatamente no espaço de circulação da população: as ruas. É lá que se dá boa parte das ocorrências registradas no período trabalhado, em 16 dos 61 autos-crime digitalizados, as agressões começaram no meio da rua entre desconhecidos.

2.1 Os crimes de agressão e os bairros de São Paulo

Apesar de se condensar em uma pequena área da cidade, a população que habitava a metrópole circulava por todo seu espaço urbano, concentrando-se preferencialmente na região do triângulo e nas proximidades das estações ferroviárias, por onde entravam e saíam pessoas a todo momento.

Os mapas a seguir nos mostrarão as ocorrências registradas separadas pela região onde aconteceram, ressaltando que as aproximações se dão através da toponímia do mapa e do bairro registrado nos autos-crime analisados. Abordarei aqui os crimes mais significantes cuja ocorrência se deu nos bairros analisados. Os outros apontados nos mapas serão trabalhados ainda nesse capítulo em outras divisões que julguei mais oportunas para efetuar os cruzamentos.

Figura 13– Crimes de agressão na região da Lapa

Este é o único crime entre os digitalizados que ocorreu na região oeste da cidade, próximo à estação ferroviária da Lapa. Ainda que tenhamos a forte presença da linha do trem, o que atraía pessoas devido a facilidade de deslocamento, a zona oeste ainda era uma região pouco habitada no período estudado.

Este crime aqui representado refere-se à agressão sofrida por Cypriano Soares do

Nascimento de Jesus³⁶, um brasileiro de 49 anos que foi esfaqueado no quilômetro 89 da São Paulo Railway Company pelo português João Miguel Affonso às 19:30h do dia 2 de dezembro de 1916. Ambos eram lavradores e a agressão deu-se após forte discussão em volta dos trilhos do trem. Cypriano não resistiu aos ferimentos provocados e faleceu.

Apesar de poder ser colocado em mapa, esse tipo de representação torna-se desnecessária, uma vez que o interessante no que se refere à espacialização de dados históricos é que se compreenda a fonte dentro de um contexto. Assim isolada, acaba por não representar nenhum padrão ou forma, servindo apenas de informativo.

A região norte da cidade era povoada por estrangeiros, mas ainda assim com poucos moradores, apesar do alcance do trem da Cantareira. É neste trem que começa uma das agressões pontuadas no mapa abaixo:

Figura 14 – Crimes de agressão na região de Santanna

Ambas as agressões aqui retratadas têm estrangeiros como réus, um português na Rua Canindé³⁷, interessado em defender sua propriedade de uma má pagadora de aluguéis. A outra, um bando de alemães, liderados por Simon Wucherer³⁸, que após

³⁶ 1916 – A Justiça contra João Miguel Affonso. Processo número A81 900H0564 – 0015 - 9 do ATJSP.

³⁷ 1915 - A Justiça contra José Vieira. Processo sem catalogação do ATJSP.

³⁸ 1915 - A Justiça contra Simon Wucherer. Processo sem catalogação do ATJSP.

provocar seu patrício, Carlos Blenke dentro do trem da Cantareira.

Wucherer manteve Blenke preso dentro da própria casa com a ajuda de outros alemães, onde este foi bastante agredido e apenas liberado após sua esposa acionar vizinhos para pedir ajuda.

No entanto, se começarmos a analisar as regiões mais centrais de São Paulo, perceberemos que o número de crimes ali registrados é muito maior, pois vai de acordo com as zonas mais habitadas da cidade, número de pessoas que circulavam nessas regiões e dos locais de sociabilidade da cidade, como bares, cafés, restaurantes, bilhares e bordéis. Muitos dos conflitos registrados nesses locais estão relacionados a ambientes públicos de diversão, ou mesmo a habitações coletivas, os cortiços, que tinham maior concentração nas regiões centrais da cidade.

O bairro de Santa Efigênia já havia sido alvo das inspeções dos cortiços que ali existiam³⁹, a fim de sanear a região e melhorar a circulação das pessoas.

Figura 15 – Crimes de agressão na região de Santa Ephigênia

³⁹ Relatório de Inspeção da Comissão de exame e inspeção das habitações operarias e cortiços no districto de Sta. Ephigenia (1893). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/cesario.php>. Acessado em 20/02/2014.

Dos crimes ocorridos nessa região, um dos mais interessantes a ser abordado é o caso envolvendo Emilio Pereira, trabalhador do desinfectório central da cidade e João Antonio de Azevedo⁴⁰, praça do exército. Ambos estavam se divertindo em um baile na Rua Afonso Penna, no distrito de Santa Ephigênia, quando tiveram uma pequena rixa. Azevedo saiu do baile e voltou, tempos depois, armado de uma bengala e começou a travar luta corporal com Emilio, que acabou caindo no chão onde foi golpeado por Azevedo com uma facada e faleceu dias depois no Hospital Militar.

Se formos mais para o centro da cidade, a visão dos pontos onde encontramos crimes, no entanto, será bem distinta. O Triângulo não é só o local onde as pessoas circulavam para sociabilizar, mas como todo ponto de sociabilidade, ainda mais quando há uso de álcool, esses locais podem se tornar focos de brigas e conflitos.

Figura 16 – Crimes de agressão na região da Sé

O centro da cidade, aquele chamado de triângulo, sempre foi o lugar de maior efervescência e circulação de pessoas em São Paulo mesmo após a expansão do núcleo

⁴⁰ 1895 - A Justiça contra João Antonio de Azevedo. Processo número A81 907B0746 – 0032 – 1 do ATJSP.

urbano da cidade e a construção dos bairros fabris a leste da Sé. Ali haviam várias zonas comerciais, como mercado existente ao final da Ladeira Porto Geral ou ainda cafés, bares, armazéns e mesmo prestadores de serviços, como lavadeiras, engomadeiras, jornaleiros, engraxates. Maria Luiza Ferreira de Oliveira coloca essa população como uma camada informe⁴¹ e aponta também para a circulação de todas essas diferentes pessoas, neste período já formada por negros forros, mulatos, migrantes e, na maioria, imigrantes pelo centro de São Paulo.

Todas essas pessoas buscavam na cidade novos lugares de sociabilidade e a vida boêmia era a rota de fuga para a vida cotidiana e suas condições de trabalho nada gratificantes. Para muitos, ou seja, para aqueles que deveriam fazer o controle desta população, era o espaço da promiscuidade, aquele onde toda a moral e os costumes seriam esquecidos. O bar ficava ao lado do bordel, sendo comum a presença dos mesmos sujeitos nos dois ambientes, inclusive presenciando crimes e tentando se afastar da confusão, seja por serem casados ou mesmo pela vergonha de estarem presentes naqueles ambientes.

Nem sempre a polícia e a ordem pública conseguiam combater a presença de populares nas ruas, muitos deles sob efeito do álcool consumido nos botequins e sinucas da cidade ao cair da noite. Em 1892, o espanhol Nicacio Olivara, de 25 anos, saía do Frontão Paulista, um espaço destinado a diversões familiares até o final do século XIX, situado na esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros, no centro da cidade, por volta das 2h da manhã, cantarolando a altas vozes com seus patrícios quando a polícia interveio, pedindo que eles parassem com a cantoria e fossem para as suas casas. Meio bêbado, Nicacio agrediu um dos policiais com um punhal, tendo fugido em seguida. Questionado pelo delegado, Nicacio disse não se lembrar de nada por efeito da bebida⁴². Ou ainda o caso de José Salerno, de 25 anos, italiano, jornaleiro, estava bebendo em uma venda na Rua Ruy Barbosa, no Bexiga, com a vítima, Januário Cavanelli, 55 anos, italiano, também jornaleiro. José Salerno espancou o patrício na saída da venda. O auto de corpo delito traz a informação de que o paciente estava bêbado na ocasião do exame.

AUTO DE CORPO DE DELICTO (Lesões Corporaes)

Januário Carvanelli, branco, italiano, com cinquenta e cinco annos de idade, solteiro, jornaleiro, residente a Rua Aureliano Peixoto. (...) O paciente está

⁴¹ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém*. São Paulo: Alameda, 2005. P. 29.

⁴² 1892 - A Justiça contra Nicacio Olivara. Processo número TJ 1 000 1 260022 – 3 do ATJSP.

bastante alcoolizado. ⁴³

Nos bairros de moradias fabris, depois da linha do trem, o mapa mostra também uma maior concentração criminal, como vemos a seguir:

Figura 17 – Crimes de agressão na região do Brás

Neste caso, a maioria dos conflitos se deu entre vizinhos, patrícios e conhecidos por razões bastante corriqueiras. Num cortiço da Avenida Celso Garcia, em 12 de setembro de 1913, por volta das 19h, a espanhola Apresentação Holmes⁴⁴ viu na cozinha comum da casa em que habitava uma briga entre o operário italiano Atilio Bonaverro e sua esposa, a também italiana Trindade de tal. A fim de evitar que Atilio perdesse o controle e esbofeteasse a esposa durante a discussão, a espanhola partiu em direção ao italiano, mordendo-o. Atilio tentou agredir Apresentação, sendo contido pela confusão que se formara no cortiço. Algumas testemunhas disseram que Atilio já estava machucado e que não foi a mordida que lhe causara o ferimento, um corte no dedo

⁴³ 1916 - A Justiça contra José Salerno. Processo sem catalogação do ATJSP. Grifo meu.

⁴⁴ 1913 - A Justiça contra Apresentação Holmes. Processo número 100C0063 - 0025 - 0 do ATJSP.

médio da mão esquerda. Como houve várias divergências sobre como se deu o fato, o processo foi concluído com a absolvição da espanhola.

Na Penha, no ano de 1914, o viúvo italiano Ernesto Manfredi⁴⁵, de 57 anos, se achava embriagado em sua casa, por volta das 21h quando foi agredido “por três ou quatro indivíduos”⁴⁶. Manfredi diz ter sido importunado pelos irmãos portugueses Alfredo e José Maria Soares Bello, que lhe chamaram pelo apelido de “pistolão”, nome pelo qual somente sua família lhe chamava. Ernesto atacou José Maria com uma cacetada na cabeça, ferindo-o, como consta nos autos, e, em seguida, Alfredo saiu em socorro do irmão. Em seu depoimento, Alfredo diz ter recebido o porrete das mãos de Manfredi, que sugeriu que batesse nele com o instrumento, assim como ele havia feito a seu irmão. Alfredo prontamente aceitou a proposta e feriu Manfredi com o porrete. Com a chegada da polícia ao local, Manfredi fugiu, tendo sido apenas os dois irmãos levados para a delegacia. Manfredi apareceu cerca de meia hora depois, assumindo a agressão.

Outro retrato da vida cotidiana na Zona Leste da cidade, desta vez no bairro da Moóca, na Rua Placidina, 39, estava o português Manuel Duarte em sua casa quando viu galinhas e pintinhos de seu vizinho, o italiano Cesar Carmen⁴⁷, entrarem em seu terreno para ciscar em sua horta. Ao afugentar os animais, acabou matando um pintinho, cujo corpo atirou no quintal do italiano. Ao chegar, por volta das 20h, o italiano se deparou com seu animal morto e foi tirar satisfações com o vizinho, agredindo-o com diversas cacetadas. Por fim, em 1919, o italiano José Nigro⁴⁸, de 59 anos, proprietário do cortiço de número 18 na Rua Uruguayana, no Brás, por volta das 20:30h da noite de 23 de janeiro, foi atrás de sua inquilina, Guilhermina Correa, porque esta não havia pago suas dívidas e acabou por agredi-la com uma machadinha, produzindo um enorme corte em seu rosto, segundo laudo do exame de corpo delito. Segundo a agredida, seu marido não pagara o aluguel do mês anterior e estando Nigro bastante embriagado, entrou em discussão verbal e acabou por agredi-la.

A maioria dos crimes de agressão pesquisados tem como local de ocorrência ambientes privados, residências, lojas, bares, restaurantes, entre outros, mas a cidade de São Paulo também tinha uma dinâmica nas ruas, com a população que se deslocava principalmente na região central da cidade, onde trabalhavam e onde haviam mais

⁴⁵ 1915 – A Justiça contra Ernesto Manfredi, José Maria Soares Bello e Alfredo Soares Bello. Processo sem catalogação do ATJSP.

⁴⁶ Idem, P. 11.

⁴⁷ 1916 – A Justiça contra Cesar Carmen. Processo número 010D0961 do ATJSP.

⁴⁸ 1919 – A Justiça contra José Nigro. Processo sem catalogação do ATJSP.

pontos de comércio.

Tem destaque entre essas áreas o Triângulo e a região da Luz, onde havia os bailes que divertiam a noite dos novos habitantes da cidade.

Na noite de 24 de outubro de 1895, na saída de um baile na região de Santa Efigênia, mais precisamente na Rua Tenente Penna, João Antonio de Azevedo⁴⁹, um praça português de 26 anos, entrou em litígio com Emilio Pereira, de 25 anos. Os dois, segundo as testemunhas, tiveram uma pequena rixa na saída do baile e, João, bastante alterado, deu cacetadas em Emilio e posteriormente uma facada, que acabou matando Emilio.

⁴⁹ 1895 – A Justiça contra João Antonio de Azevedo. Processo número A81 907B0746 – 0032 – 1 do ATJSP.

2.2 Entre muros, casinhas e garrafas: Cortiços e embriaguez

As moradias coletivas foram proibidas na cidade de São Paulo em 16 de fevereiro de 1889⁵⁰, quando finalmente o padrão de construção de casas populares foi colocado em prática. Nenhum cortiço poderia ser erguido na zona do comércio da cidade, que compreendia também a zona do Triângulo, deixando clara a intenção de levar a população mais pobre para a periferia, elitizando o centro da cidade. Era no centro que estavam as lojas mais chiques, os cafés e passeios frequentados pela elite paulistana, muito pouco interessada em dividir seu espaço de sociabilidade com a massa pobre que agora habitava grande parte da cidade de São Paulo.

A situação apresenta-se de forma tão preocupante na cidade que a prefeitura encomendou um relatório sobre a condição das moradias populares na região de Santa Efigênia no ano de 1893, O *Relatório da Comissão de exame e inspecção das habitações operárias e cortiços de Sta. Ephigênia (1893)*⁵¹ contou 68 cortiços em uma análise de poucos quarteirões.

Italianos, espanhóis, portugueses, polacos e brasileiros se amontoavam em pequenos cômodos onde havia cerca de 10 pessoas numa área de 30 metros quadrados e nenhuma estrutura para atender a população tão densa.

O relatório descreveu em poucas palavras a estrutura do cortiço analisado, seu endereço, metragem, nome e nacionalidade do morador principal de cada cômodo. Trouxe sugestões sobre o que deveria ser reparado na habitação, a qual em muitos casos analisados, deveria ser permanentemente fechada.

Todas as habitações do cortiço apresentavam , sem exceção, algum problema estrutural mais complexo, como rachaduras e também questões referentes à higiene. Por isso, a prefeitura sugeria reparos imediatos para que o imóvel continuasse a ser usado como moradia:

Casinha General Osório, nº 28-36

Observações: área ladrilhada é insuficiente no fundo com um ralo e latrina.

Iluminação a querosene.

⁵⁰ CAMPOS, Eudes. *Casas e vilas operárias paulistanas*. Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4 (19): jul/ago 2008. Disponível em <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Acessado em 15/12/2012.

⁵¹ Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/cesariomarcado.php>. Acessado em 16/01/2013.

Prescrições: Asseio geral, consertos no reboco, caiação, abrir seteira na parede da primeira alcova. Aumentar a área do fundo com mais três metros quadrados.⁵²

Ou ainda, o estado de conservação da casa era tão precário que o órgão recomendava o seu fechamento imediato e até sua demolição:

Cortiço Rua Santa Efigênia, nº 60

Observações: Os cubículos são todos baixos e úmidos, mal ventilados, e estragadíssimos. Em vista do seu estado imprestável não foram medidos.

Pede-se a demolição imediata dos mesmos. Interdito desde já.

Prescrições: Proponha-se a sua demolição.⁵³

A cidade crescia desgovernadamente e ao mesmo tempo expunha todas as suas fragilidades. Os tão esperados novos moradores, aqueles que vieram fazer a América, estavam nos cortiços nos bairros mais afastados do centro, longe da população rica e perto das fábricas. Nas casas de cômodos, a convivência com pessoas de culturas tão diferentes em um espaço pequeno acabava por gerar conflitos dentro destes cortiços ou mesmo na rua, entre os moradores do mesmo espaço. Essas brigas frequentes ocorreram não só na cidade de São Paulo como também no Rio de Janeiro, conforme diz Sidney Chalhoub, para o qual havia uma clara ligação entre os conflitos e os problemas da habitação⁵⁴.

Em São Paulo não foi diferente. Muitos dos crimes de agressão aqui registrados tiveram início em moradias coletivas no centro e nas regiões fabris da cidade, como podemos ver no mapa abaixo:

⁵² Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=6>. Acessado em 16/01/2013.

⁵³ Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/viver/fichacesario.php?chave=48>. Acessado em 16/01/2013.

⁵⁴ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora Unicamp, 2001. P. 59.

Figura 18 – Crimes de agressão em cortiços de São Paulo

Os cortiços, assim como os hotéis, são locais com grande circulação de pessoas, o que contribui para que esse tipo de desavenças aconteça no espaço abordado. Contudo, não foi encontrado dentro do escopo documental analisado nenhum crime de agressão ocorrido em hotéis de São Paulo. A maioria dos crimes nesses locais registrados, como apontou Lucília Siqueira⁵⁵ em seu estudo sobre os hotéis da cidade, são relativos a furtos, homicídios e suicídios.

É interessante analisar que a maioria dos réus encortiçados envolvidos nos

⁵⁵ SIQUEIRA, Lucília. *Os hotéis na cidade de São Paulo na primeira década do século XX: diversidade no tamanho, na localização e nos serviços*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 63, 2012.

processos eram italianos, num total de 5 dos 14 processos encontrados com referências a cortiços. Foram eles os casos de Anastacia Zuppa e Athanasia Hermínia⁵⁶, que em 30 de Outubro de 1909 agrediram-se mutuamente após uma troca intensa de provocações no prédio onde viviam. Segundo Anastacia, após relevar as provocações por diversas vezes, encontraram-se em uma área comum do cortiço e acabaram se agredindo. A polícia conclui que a ocorrência aconteceu por motivos fúteis e que, estando as duas feridas, não há responsabilidade pelo crime.

Já em 10 de março de 1914, o também italiano Luiz Basile⁵⁷, sapateiro que estava trabalhando em seu ofício nos fundos de um cortiço na Rua Visconde de Parnahyba quando sua patrícia Rosa Petrone se dirigiu a ele com palavras injuriosas e por conta disso, Luiz deu-lhe uma vassourada na cabeça.

No caso envolvendo Antonia Sabatine e José Lagatta⁵⁸, moradores de um cortiço da Rua Augusta, ambos afirmam terem sido importunados pelos gritos do vizinho, Sebastião Donatella, um “beberrão contumaz” que após bater na porta dos acusados foi recebido a vassouradas. É bastante comum a união de cortiços com embriaguez, como pode ser visto no mapa abaixo:

Figura 19 – Crimes de agressão em cortiços com réus embriagados

⁵⁶ 1909 - A Justiça contra Anastacia Zuppa e Athanasia Hermínia. Processo número 058J0244 – 0031 – 4 do ATJSP.

⁵⁷ 1914 – A Justiça contra Luiz Basile. Processo sem catalogação do ATJSP.

⁵⁸ 1919 – A Justiça contra Antonia Sabatini e José Lagatta. Processo número 010G0534 – 0045 – 6 do ATJSP.

Além de serem locais onde habitavam muitas pessoas de diferentes culturas, os cortiços tornam-se também locais de sociabilidade, uma vez que os crimes motivados por embriaguez ocorrem em situações de jogo ou de diversão dos moradores das habitações coletivas da cidade de São Paulo. Em 22 de Outubro de 1914, Antonio dos Reis estava jogando cartas com Antonio Jacob⁵⁹, ambos portugueses, no cortiço onde residiam, na Rua Miller, 151. Bastante embriagados, segundo as testemunhas, os dois começaram uma discussão pela dívida do jogo em questão e acabaram em luta corporal, caindo por terra e ferindo-se mutuamente. Um ano depois, em 22 de Outubro de 1915, Antonio Alves de Barros foi acusado de agredir a vizinha, Veronica, na Vila Prudente⁶⁰. Veronica, que estava bastante bêbada, injuriou a esposa de Barros, chamando-a de “puta do diabo” e “gata ruiva” quando ia para sua casa. Para defender a esposa, Antonio de Barros acabou agredindo Veronica, que segundo as testemunhas era alcoólatra e tem por hábito ofender as pessoas que passavam na rua quando estava embriagada.

De um modo geral, os crimes motivados por embriaguez aconteceram de forma intensa em São Paulo. Segundo Fausto, “a embriaguez aproxima-se da desordem na

⁵⁹ 1914 – A Justiça contra Antonio dos Reis e Antonio dos Santos Jacob. Processo sem catalogação do ATJSP.

⁶⁰ 1915 – A Justiça contra Antonio Alves de Barros. Processo sem catalogação do ATJSP.

medida em que reflete como esta é uma preocupação com o comportamento das pessoas em público, mas é indicativa de atitudes que combinam autodestruição e agressividade”⁶¹.

Nos casos aqui encontrados, os autos-crimes com indicativos de embriaguez registrados pela polícia são 17 dos 61 autos-crime pesquisados, distribuindo-se pelos bairros fabris da cidade e pelas zonas onde havia locais de divertimento, como a região da Luz e da Sé.

Figura 20 – Crimes de agressão em São Paulo por motivos de embriaguez

⁶¹ FAUSTO, Boris. “Criminalidade e Controle Social” in *Crime e Cotidiano*. São Paulo: EDUSP, 2001. P. 46.

Dos crimes verificados ocorridos em espaços de sociabilidade da população (bares, bordeis, bailes), o fator álcool aparece bastante presente, em casos interessantes como José Salerno⁶², com 55 anos, casado, proprietário de carroça, italiano, que agrediu a Januario Carvanini, 55 anos, solteiro, jornalista, italiano, em 24 de outubro de 1915, após muito consumo de cachaça em uma venda na esquina da Rua Fortaleza com a Rua Ruy Barbosa, no bairro do Bexiga, fortemente habitado por italianos na cidade. Por razão de dívidas de aluguel, réu e vítima começaram uma discussão que culminou na agressão a Januario, que recebeu uma cacetada na cabeça e obteve um ferimento de 2,5 cm no couro cabeludo, segundo informações do laudo médico legal contido no processo.

Em 17 de abril de 1917, Antonio de Souza foi agredido em um bilhar por um

⁶² 1915 – A Justiça contra José Salerno. Processo sem catalogação do ATJSP.

jovem de 16 anos⁶³. Ambos jogavam num salão no Largo do Arouche quando, após ganhar uma partida, foi “traíçoeiramente agarrado pelo proprietário da casa” e agredido pelo menor Antonio José da Costa a mando deste. Segundo as testemunhas, Antonio de Souza era frequentador habitual do bilhar, onde tinha o apelido de “Cabeça” por conta de suas jogadas, enquanto seu agressor tem a alcunha de “Pindura” e também era jogador do mesmo bilhar. No mesmo ano de 1917, Gregório Prates da Fonseca⁶⁴ entrou em conflito com outros sujeitos em um bilhar na Rua de São João, 151. Na ocasião da briga, que se deu por volta da meia noite do dia 10 de agosto, Oscar de Souza Brandão, com 23 anos de idade, natural do Rio de Janeiro e residente à Rua da Consolação, acabou ferido por uma bala de revólver. Em seu depoimento, Brandão disse que estava trabalhando como garçom no restaurante-bilhar quando três moços desconhecidos sentaram-se em torno de uma mesa e após um tempo começou a ouvir um grande tumulto. Saindo à rua para verificar o que acontecia, sentiu-se ferido pela bala. Após ser atingido ouviu o disparo de diversos outros tiros, e em seguida a frase dita por um dos jovens: “vinguei-me!”⁶⁵. O próprio indiciado foi ferido na coxa e no braço direito pelos tiros disparados, como consta no laudo de corpo delito contido no processo. Na mesma ocorrência Lycurgo de Carvalho foi assassinado.

Como pudemos notar, há uma relação forte entre a criminalidade e a embriaguez na cidade de São Paulo. Se notarmos a Figura 19, perceberemos que as ocorrências em cortiços e com pessoas embriagadas se dá no período noturno, fora do tempo da fábrica.

Figura 21 – Crimes de agressão por embriaguez no período noturno (após 18h)

⁶³ 1917 – A Justiça contra Antonio de Souza. Processo número A81 900H0566 – 0014 – 1 do ATJSP.

⁶⁴ 1917 – A Justiça contra Gregorio Prates da Fonseca e outros. Processo número A81 – 1000026446 – 6 do ATJSP.

⁶⁵ Idem. P. 6.

Dessa forma podemos notar a correlação entre o tempo livre dos trabalhadores da cidade de São Paulo e a relação com os períodos onde encontramos mais ocorrências de crimes por embriaguez.

Independente do dia da semana no qual se estabelece o crime, como já vimos anteriormente, é o ócio um dos fatores determinantes das ocorrências criminais em São Paulo. Sidney Chalhoub também relaciona as práticas ilegais ao ócio⁶⁶, ou seja, é justamente o tempo livre, e nesse caso somado ao fator também considerado desviante da bebida, que acaba por interferir nos comportamentos sociais dos habitantes de cidade, culminando nos crimes de agressão aqui identificados.

Portanto, entende-se uma relação entre o tempo livre com o crime, sendo ele estabelecido em todas as formas, seja em folgas aos domingos mas especialmente após longas e exaustivas jornadas de trabalho.

⁶⁶ CHALHOUB, 2001. P. 86.

2.3 Na casa de dona Maria: as meretrizes

A historiadora Margareth Rago começa um dos capítulos de sua obra *Os prazeres da noite* da seguinte forma:

Quando a loira parisiense Marcelle d'Avreux descia as escadas da Pensão Milano, propriedade da Mme. Serafina, em direção ao carro que a esperava na porta, na rua São João, n. 30, escandalizava os provincianos da São Paulo dos inícios do século XX.⁶⁶

Em 1912, poucos metros dali, na casa situada na Rua São João, 139A, a russa Sophia Tallermann, de 24 anos, mantinha sua *casa de tolerância* em funcionamento quando foi abordada por uma antiga funcionária, Luiza Tiemann, uma moça alemã de 19 anos demitida após falha no pagamento de suas obrigações como moradora e funcionária da casa, esta afirmou que Sophia havia ficado com pertences seus após sua saída. Luiza alegava que Sophia estava em posse de seu regador, de estanho, e voltou à casa em horário de função para retomá-lo. Ela disse que Sophia atirou o tal regador contra ela, o que Sophia não nega, mas diz tê-lo feito após ouvir muitos impropérios de Luiza.

Todas as testemunhas relacionadas no processo eram homens, sendo que apenas uma delas, o italiano Amadeu Nadden, funcionário da casa de tolerância, afirmou conhecer a acusada e a vítima, afirmando que a discussão se deu por questão de negócios e dívidas. Segundo ele, os valores giravam em torno de 280\$000 ou 290\$000 réis. Todos os outros disseram que passaram pela rua quando avistaram a confusão, como é o caso do advogado Alvaro Pereira Pinto Filho, de 22 anos, cuja única declaração é que não conhece nem a denunciada nem a ofendida.

Após um novo depoimento de Sophia, ficamos sabendo que Luiza foi até sua casa buscar roupas e objetos pessoais ali deixados quando de sua saída e que após ser ofendida atirou o regador em Luiza, que, descontrolada, começou a arrancar seus cabelos e arranhar seu rosto, produzindo assim os traumas apresentados no exame de corpo delito.

⁶⁶ RAGO, Margareth. "A prostituição como espetáculo" in *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. P. 37.

Os crimes encontrados que têm meretrizes como vítimas são os seguintes:

Figura 22 – Crimes de agressão em São Paulo envolvendo meretrizes

Em 1915 Helena Martins da Conceição⁶⁷, brasileira, casada, meretriz, residente à Rua Galvão Bueno, n. 65, local ocorrência do crime, amasiada há quatro anos com seu agressor, José Calderaro, de 19 anos de idade, solteiro, operário, residente no mesmo endereço da vítima. Helena, cansada dos constantes maus tratos infringidos pelo amante, deu fim à relação, porém, essa decisão não foi aceita por José, que perdeu a cabeça e começou a agredi-la ainda mais. É interessante ressaltar que o imóvel em questão é um cortiço, como está descrito nos autos, não se trata, portanto, de um bordel, mas sim do local escolhido para o encontro destes amantes e talvez o próprio local de moradia de

⁶⁷ 1915 – A Justiça contra Helena Martins da Conceição e José Calderaro. Processo número 010D0961 – 0022– 0 do ATJSP.

Helena.

No dia 21 de agosto do ano de 1919, perto das 21h na rua Senador Queirós, Eurico de Castro, de 24 anos, casado, brasileiro, empregado no comércio, residente à rua Barão de Iguape, n. 83⁶⁸, agrediu sua amante, Helena Alves, de 19 anos de idade, solteira, brasileira, meretriz, residente à rua Senador Queirós, n.7 com um cinturão de corda. Pois ela teria ido, contra sua vontade, a um baile realizado na Rua Vitória, 64. Um frequentador da casa onde trabalhava a vítima, ouviu os ruídos da agressão e chamou a polícia.

Helena disse em depoimento que conheceu Eurico há cerca de 9 meses da data do crime na mesma casa onde exercia o meretrício após Helena se recusar a deixar o baile onde se divertia. Disse também que além de agredi-la, Eurico gastou todo o dinheiro que ela havia lhe dado para guardar.

O laudo de corpo delito apontou diversas marcas no corpo de Helena, provocadas pelo cinturão de corda usado em sua agressão.

Como testemunhas, o caso tem as outras meretrizes que trabalhavam com Helena na mesma casa, a primeira delas, Laura Lopes, de 22 anos de idade, solteira, espanhola, disse que ouviu Eurico chamar Helena e a ferir com o cinturão de corda. Disse que era comum ver agressões de Eurico contra Helena e também que ele espancava todas as pessoas que saíam em defesa da moça.

As outras meretrizes ouvidas pela polícia acompanham o depoimento de Laura, todas afirmando que era comum o fato de Helena ser agredida por Eurico e também sobre a violência com a qual ele tratava aqueles que buscavam defendê-la.

Em depoimento, Eurico disse que após Helena não obedecer quando ele pediu que ela deixasse o baile, a esperou no quarto que ela ocupava no rendez-vous da rua Senador Queirós, n. 7. Quando voltou, ele e Helena começaram uma brincadeira de guerra de travesseiros e que quando Helena se abaixou para recolher os travesseiros ele lhe deu algumas cintadas nas costas, mas que não passou de brincadeira.

Diz o relatório do processo:

Consta do presente inquérito que há um anno, pouco mais ou menos, EURICO DE CASTRO tornou-se amante da meretriz Helena Alves, residente à rua Senador Queiroz, n.7.

⁶⁸ 1919 – A Justiça contra Eurico de Castro. Processo sem catalogação do ATJSP.

Eurico de Castro, que a começo conquistára Helena com carinhos, tornou-se depois um verdadeiro proxeneta, exigindo de sua vítima, não só a satisfação de seus desejos materiais, como o dinheiro que a mesma conseguia economizar, e, o menor gesto de recusa da vítima na satisfação de sua vontade, era motivo para que Eurico a espancasse barbaramente, chegando certa ocasião a produzir-lhe grave entorpecimento do braço esquerdo.

Às vinte e uma horas de 21 do corrente, Castro encontrando-se no baile da rua Victoria, n. 64, com a sua amante Helena, convidou-a para se retirarem, no que não foi atendido. Momentos depois, temendo as consequências de sua recusa, Helena accedeu, regressando para sua residência em companhia de Eurico, e, logo ao entrarem para o quarto, sem que houvesse outros motivos, este armando-se de um cinturão, agrediu brutalmente à Helena, prostando-a sem sentidos e ferindo-a como mostra o exame de corpo de delicto de fls.7.

Tudo quanto vimos dispor está plenamente confirmado pelos depoimentos de seis testemunhas uniformes e contestes, ouvidas no presente inquérito, auto do exame de corpo de delicto fls. 7 e confissão do indiciado a fls-16.⁶⁹

A declaração entregue ao juiz pede que Eurico seja inocentado de seu crime, afirmando que houve apenas um pequeno atrito entre os amantes, causado por um mal entendido. Disse também que Helena jamais pretendeu dar queixa desta agressão, sendo esta feita por algum intruso que chamou a polícia. O pedido termina com a seguinte frase:

M. Juiz, considerando bem que para um moço de boa família, empregado em uma casa de conceito, já é doloroso passar pelos momentos amargos que passou, vendo-se envolvido nas malhas de um processo criminal. Isto já constitui um castigo para sua aventura, da qual por certo jamais se deslumbrará e lhe servirá de profunda lição na vida.

Assim sendo, M. Juiz, fará um acto de justiça, impronunciando o denunciado.

Com novo depoimento de Helena e das demais testemunhas, Eurico foi inocentado do crime de agressão contra sua amante.

O mapa nos mostra que nos dois casos onde a ocorrência se deu dentro de um bordel, ou seja, os casos de Sophia Talermann e Helena Alves, ambos estavam situados na região central da cidade, muito próximos à região do triângulo, onde também haviam

⁶⁹ Idem.

muitos bares, cinemas e outros locais de divertimento da população de São Paulo

Embora os três crimes acima mencionados tenham meretrizes como vítimas, nos dois últimos fica clara a relação entre homem e mulher, na qual a mulher acabou sendo agredida. Este é um problema que ocorre não só com as meretrizes, mas uma questão de força e de gênero muito mais presente na sociedade, como veremos a seguir.

2.4 Gêneros e agressões: os crimes de acordo com o sexo dos réus e das vítimas

As relações de gênero sempre foram importantes para a compreensão da História. Em geral, homens e mulheres sempre brigaram por inúmeras razões e sempre tendemos a crer que existam mais agressões de homens contra mulheres que ao contrário.

Neste capítulo, veremos como essas relações são fortes e se colocam de maneira bastante objetiva e de análise simples, tendo sempre como base, nos casos de agressão de homens contra mulheres, relações conjugais e tentativa de estabelecimento de poder e controle do companheiro sobre a esposa; ou, em muitos dos casos, como já vimos, com as meretrizes, com as amásias ou companheiras informais.

Figura 23 – Crimes de agressão em São Paulo com mulheres como vítimas

Este mapa retrata as agressões praticadas por homens contra mulheres entre os anos de 1890 e 1920 e como podemos perceber são relativamente poucas dentro deste volume documental.

Duas delas já foram retratadas acima, sendo crimes de agressão a prostitutas por parte de seus amantes, também consta neste mapa o crime cometido por Antonio Alves de Barros contra Veronica, na vila Prudente, já abordado em 2.2. As outras referem-se a crimes domésticos ou violência entre vizinhos.

O primeiro deles aconteceu em 1893, quando Brazilina Rodrigues⁷⁰, moradora de um cortiço na rua Chavantes, n.3, no Brás, deu queixa de agressão e injúrias verbais contra Antonio de Oliveira, de 40 anos de idade, português, pedreiro e de seu genro, Valentim de Tal, também português, de 29 anos, casado.

Uma das testemunhas, Carmen Pizarro, de 28 anos, espanhola, prendas domésticas, disse ter visto Valentim empurrar Brazilina, chamando-a de “safada” e de “canhão”. Disse ter visto Brazilina tentar fugir subindo a escada, mas Antonio a empurrou com o pé, derrubando-a. Também disse que houve uma grande discussão entre os réus e a vítima, mas que ela não compreendeu muito bem por não falar português.

Todas as testemunhas acompanham a mesma história contada por Carmen, afirmando também que a vítima era inimiga das famílias dos réus e as discussões entre eles eram constantes. Ambos foram condenados pela agressão e pelas injúrias verbais dirigidas à ré.

No rol das agressões domésticas, muito comuns, encontra-se o caso de Benedicto Appolinario da Silva, de 35 anos de idade, casado, empregado no comércio, residente à Rua Vergueiro, n. 30⁷¹, que em 14 de julho de 1911 agrediu sua esposa, Edwiges Appolinario da Silva, de 33 anos de idade, brasileira, casada, parda, lavadeira, provocando-lhe um corte no supercílio, como consta no auto de corpo de delito. Edwiges estava engomando quando foi surpreendida pelas agressões do marido e disse que decidiu dar queixa pois não é a primeira vez que Benedito lhe agride.

É interessante notar que este é um dos poucos crimes que fazem parte da documentação desta pesquisa onde réu e vítima são pardos. A maioria dos crimes que envolvem brasileiros, que veremos a seguir, ocorre entre pessoas brancas, em geral

⁷⁰ 1893 - A Justiça contra Antonio de Oliveira. Processo nº 014J1381 – 0007 – 1 do ATJSP

⁷¹ 1911 - A Justiça contra Benedicto Appolinario da Silva. Processo nº A81 900H0565 – 0002 – 1 do ATJSP

filhos de imigrantes da primeira leva que chegou à São Paulo, muito embora a população negra e parda que habitava a cidade era grande e não pode ser ignorada⁷².

Um dos vizinhos, Eugenio da Silva, de 39 anos, brasileiro, pardo, proprietário, residente à Rua Vergueiro, n. 30 disse ter sabido da agressão sofrida por Edwiges ao chegar em sua casa. Disse também que Benedicto fugiu após agredir a esposa. Outro vizinho, o belga Pedro Geres, morador do mesmo endereço, também soube ao chegar em casa da ocorrência. Disse que era recorrente que Benedicto agredisse sua esposa. Todas as outras testemunhas, todos homens, acompanham o mesmo depoimento.

Eu seu depoimento, Benedicto disse que a esposa tinha “o vício da embriaguez” e que ao chegar do trabalho encontrou-a bastante alcoolizada e que ficou bastante consternado ao encontrá-la alterada, segurou seu braço e a empurrou e que o corte aconteceu porque, ao ser empurrada, Edwiges caiu e bateu com a cabeça na parede.

Em todos os depoimentos que presta até o encerramento do processo, Benedicto afirma que a embriaguez da esposa foi o motivo principal do corte sofrido. Os vizinhos se abstém de muitas declarações sobre a vida do casal.

Outro crime de agressão de um marido contra sua esposa é o caso de Henrique Gayoso, 36 anos de idade, brasileiro, casado, residente à rua do Triumpho, n.3⁷³, que em 28 de agosto de 1914 deu um tiro em sua esposa, Anna Gayoso, que alegou ter entrado em discussão com o réu em defesa de sua família por ele ser “dado ao vício da embriaguez”. Henrique foi preso em flagrante.

De acordo com o laudo de corpo delito, Anna possuía um ferimento contuso na região pélvica, provocada pela bala disparada por seu marido. Ela relatou que estava na sala de casa, conversando com a empregada quando Henrique chegou extremamente embriagado. Ela foi para o quarto, onde reclamou com o marido, “em palavras brandas” que ele não deveria gastar todo o dinheiro da família na rua, uma vez que era pai e tinha seis filhos pequenos que dependiam dele. Muito irritado, Henrique pegou o revólver e atirou em Anna, provocando assim o ferimento já citado.

Em mais um caso, uma ocorrência do mês de janeiro do ano de 1912, Carmellina da Conceição Alcantara, de 38 anos de idade, casada, branca, brasileira, lavadeira, foi agredida por seu ex-amante, Carlos Antonio Alves⁷⁴, que não se conformava com o fim

⁷² Ver tabela em SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008. P. 39.

⁷³ 1914 - A Justiça contra Henrique Gayoso. Processo sem catalogação do ATJSP

⁷⁴ 1912 - A Justiça contra Antonio Carlos Alves. Processo sem catalogação do ATJSP

do relacionamento dos dois. Mesmo tentando refugiar-se na casa de um conhecido, a polícia prendeu Antonio Carlos em flagrante, no entanto, a detenção pouco durou, uma vez que seus amigos pagaram sua fiança e ele foi libertado. O processo se encerra sem maiores informações.

Em 1914, Henrique Baptista também agrediu sua amante, a cozinheira Laura Cesarina por motivos de ciúmes⁷⁵. A agressão aconteceu em um cortiço na Rua Major Diogo, sendo presenciada por vários vizinhos que depuseram como testemunhas no processo. Laura foi ferida na cabeça e no dia seguinte à ocorrência, Henrique deixou o cortiço e saiu sem voltar. Constam ainda no processo três intimações para que Henrique deponha no caso, mas este se encerra sem termos as declarações do réu.

São estes os casos mais significativos de agressão de homens contra mulheres encontrados nas fontes desta pesquisa. O mapa nos mostra que são vários os casos relatados, e devemos pensar que estes foram apenas os casos que chegaram à polícia, uma vez que os crimes de agressão contra a mulher são muito mais frequentes e pouco relatados.

É interessante notar como há silêncio nos casos de agressão contra a mulher. Poucos são as testemunhas que afirmam ter visto a ocorrência, a maioria diz em seus depoimentos ter ficado sabendo por outros da briga, e, como vimos em um dos casos acima, mesmo quando há comprovação de violência pelos médicos, a própria vítima se abstém da queixa. Michele Perrot aponta a grande invisibilidade das mulheres e o “silêncio das fontes” ao retratá-las⁷⁶.

Apesar do registro de tantos crimes cometidos por homens contra suas mulheres e amásias, há apenas três casos onde este perfil se inverte, um deles já foi retratado em 2.1, quando a espanhola Apresentação Holmes agrediu seu vizinho. Neste caso, o motivo que deu início à briga foi justamente uma tentativa de agressão da vítima contra sua esposa, presenciado pela espanhola que saiu em defesa de mais uma mulher que quase foi agredida. O ferimento provocado pela agressora foi um simples corte no dedo, que, segundo a própria esposa da vítima, era já antigo e não foi provocado pela mordida. No outro, tratado no capítulo 2.2, Antonia Sabatine dá uma vassourada em seu vizinho, sem provocar nenhum ferimento na vítima. Por último, o da italiana Paschoalina Palmeira, de

⁷⁵ 1914 - A Justiça contra Henrique Baptista. Processo sem catalogação do ATJSP

⁷⁶ PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. P. 17.

40 anos de idade, viúva, lavadeira⁷⁷, que agrediu o vizinho e suas crianças por estarem atirando tijolos em seu quintal e assim manchando a roupa que ela havia acabado de lavar.

Figura 24 – Crimes de agressão com réus e vítimas do sexo masculino

⁷⁷ 1912 - A Justiça contra Paschoalina Palmeira. Processo sem catalogação do ATJSP.

A figura acima nos mostra que a grande maioria dos crimes de agressão aqui registrados foram brigas entre homens pelos mais diversos motivos. Entre eles, destaca-se o caso do italiano Adriano Andreucci⁷⁸, de 34 anos de idade, casado, padeiro, morador da rua do Lavapés, que em 22 de abril de 1894 foi junto da esposa visitar amigos que viviam na rua Major Diogo. Ao voltar para sua casa, por volta das 10h da noite, encontrou o também italiano Menotti Fantini, de 25 anos de idade, casado, praça da Guarda Nacional, que, extremamente embriagado, dirigiu-lhe ofensas, que Adriano respondeu. Fantini então sacou uma faca e feriu Adriano.

A primeira testemunha foi o amigo que havia recebido a visita de Adriano e da esposa. Therencio Vittorio, de 34 anos de idade, casado, chapeleiro, italiano, residente à rua Major Diogo, n. 24. Therencio disse que recebeu Adriano e a esposa em sua casa e ao se despedir dos dois o praça da Guarda Nacional Menotti Fantini disse a Adriano que ele estava preso sem nenhuma razão aparente. Como Adriano respondeu que nada tinha feito, o praça se irritou e agrediu Adriano com um golpe de faca. Disse que o italiano Fantini era comumente visto embriagado pela rua Major Diogo, onde o praça também reside. Todos os vizinhos que presenciaram a briga, todos italianos, acompanham o depoimento de Therencio, sempre afirmando que era normal que o soldado estivesse embriagado.

Fantini disse em depoimento que o grupo no qual estava Andreucci passou correndo por ele, insultando-o e que lhe deram uma cacetada, e por isso ele correu atrás destas pessoas e acabou esfaqueando a vítima. Este é um dos poucos casos onde o crime é provocado por um objeto corto-contundente, uma vez que as agressões, em sua maioria, se dão em luta corporal.

Outro caso, ocorrido em 1916 no Brás, chama bastante atenção pois é um crime que envolve diversos réus. No dia 1º de abril daquele ano, os espanhóis Francisco Regis, João Regis, Antonio Lopes Queijada, Miguel Lopes e Manoel Peres armaram um conflito, gerando diversos ferimentos provocados pela luta corporal que travaram⁷⁹. Neste processo réus e vítimas são as mesmas pessoas. João Regis disse em seu depoimento que viu alguns patrícios seus, espanhóis, brigando na rua e ao tentar apartar, com a ajuda do irmão, acabaram entrando na confusão e foram agredidos. Miguel disse ter sabido que um homem de nome Raphael disparou alguns tiros em direção ao grupo, sendo ele o

⁷⁸ 1894 - A Justiça contra Menotti Fantini. Processo número A81 506G0472 – 0004 – 7 do ATJSP

⁷⁹ 1917 - A Justiça contra Francisco Regis, João Regis, Antonio Lopes Queijada, Miguel Lopes e Manoel Peres. Processo sem catalogação do ATJSP

responsável pelos ferimentos apresentados nos autos de corpo delito. Disse também que os irmãos Regis eram seus desafetos por motivos particulares.

FIGURA 25 – Auto de corpo de delito de Antonio Lopes Queijada ⁸⁰

Manoel, o autor dos tiros, disse que atirou para o alto a fim de acabar com a briga e que não sabe de onde veio a bala que feriu João Regis, já que ele apenas atirou para o alto e se recolheu em sua casa.

⁸⁰ Idem. Auto de Corpo delito de Antonio Lopes Queijada, p. 8.

Figura 26 – Auto de Corpo de delito de João Regis⁸¹

A primeira testemunha, Fortuna Garcia, de 20 anos de idade, espanhola, casada, prendas domésticas, disse que estava conversando na porta da casa de uma amiga quando ouviu Francisco Regis proferir diversas ofensas a Raphael, mas como a amasia de Raphael não se sentia bem, ele deixou de ouvir os insultos para cuidar da moça.

⁸¹ Idem. Auto de corpo delito de João Regis, p. 11.

Francisco então continuou dizendo palavras ofensivas a um outro espanhol que ali estava, mas este, que a testemunha disse não saber quem é, se ressentiu com os insultos e acabou esbofeteando Francisco. Na semana seguinte, Fortuna estava novamente com a amiga, conversando, quando um bando de homens saiu em direção aos irmãos Regis e assim se deu a briga. Disse também que foi Miguel quem desferiu os tiros que deixaram os irmãos feridos. Todas as demais testemunhas têm depoimentos bastante similares sobre a ocorrência.

O depoimento de Miguel é bastante curioso, pois vinha da estação do Brás, acompanhado Antonio Lopes. Disse que iam almoçar na casa de um patrício, mas como era muito cedo, aceitaram o convite de Raphael para conversar em sua casa. Neste momento os irmãos Regis e outros desconhecidos provocaram Raphael, inclusive ameaçando-o com uma arma. Disse que Francisco Regis disparou diversos tiros contra Raphael.

Esse é um dos poucos autos-crime onde os depoimentos das vítimas e das testemunhas é longo e bastante descritivo. No geral, são relativamente breves e todos contém as mesmas palavras.

Inúmeras são as testemunhas ouvidas neste caso e a conclusão é a seguinte:

Vistos e examinados estas autos, julgo procedente, em parte, a denuncia fls.2 e pronuncio: o R. Francisco Regis Gutierrez como incurso no art.304, combinado com o § 1º do Código Penal, pelo ferimento que fez em Antonio Lopes, o R. Miguel Lopes como incurso no art. 303 do Cod. Penal, como autor dos ferimentos de Francisco Regis; o R. Antonio Lopes como incurso no mesmo art. 303 como autor do ferimento de João Regis, sujeitando-os a prisão e livramento. Expeçam-se mandados de prisão contra os R.R. e, oportunamente, sejam os seus nomes lançados no rol dos culpados. Custas afinal, vista parte. Arbitro em Rs. 200\$000 como uma das fianças dos R.R. Miguel e Antonio Lopes. Deixo de pronunciar o R. João Regis por não ter encontrado neste processo a prova necessária para assim decidir.⁸²

Constam também neste processo todas as atas do júri anexadas, bem como mandados de prisão e pedidos de fiança apresentados pelos réus. Em julgamento, Francisco Regis foi condenado a um ano de prisão pela agressão praticada contra

⁸² Idem. P. 83.

Antonio Lopes. Os outros réus foram julgados em separado e também foram presos por ordem judicial.

Diferente de muitos dos crimes aqui mencionados, este se prolonga até o julgamento, enquanto a maioria das agressões acaba por ser resolvida no âmbito das delegacias, sem necessidade de manifestação do júri.

Como já foi dito de forma breve anteriormente, o processo crime é um documento pré-moldado. Todos eles estabelecem uma mesma base, sendo completado com as informações referentes a cada ocorrência. Em geral, os depoimentos tem todos um mesmo formato, quase iguais entre si e na maioria muito breves.

Desta forma fica clara a interferência do aparato oficial nas fontes, ou seja, nem sempre o que está ali colocado corresponde à realidade e, no caso de muitas testemunhas são analfabetas, o que implica com que não saibam com exatidão o que ficou registrado em seus depoimentos.

Os casos de brigas entre homens são os mais comuns e diferente das agressões de homens contra mulheres, os crimes aqui descritos e tantos outros acontecem fora do ambiente doméstico, estando relacionados com rixas pessoais e se desenvolvendo nas ruas da cidade. Aqui, a embriaguez também é um dos fatores que pode influenciar na prática criminal.

Figura 27 – Crimes de agressão com réus e vítimas do sexo feminino

As brigas também acontecem entre as mulheres, apesar de serem bem pouco comuns, sendo dois casos já relatados em capítulos anteriores.

O primeiro registro encontrado de agressão entre mulheres se dá em 1913, quando Marietta de Oliveira, de 22 anos de idade, solteira, branca, residente à rua da Glória, n.68, revela ter sido empurrada por Maria Peixoto⁸³, uma vizinha, por razões íntimas. Marietta sofreu uma pequena escoriação no braço devido à queda provocada pelo empurrão.

Maria residia no mesmo cortiço que Marietta e disse que naquele dia travou uma breve discussão com a vizinha mas que não a ofendeu fisicamente, sendo o machucado provocado por uma queda e não por ela. Disse também que “a discussão que tiveram se prende a questões íntimas e datam de longo tempo”⁸⁴.

⁸³ 1913 - A Justiça contra Maria Peixoto. Processo nº 100C0061 – 0039 – 1 do ATJSP.

⁸⁴ Idem. P. 8.

A primeira vizinha a depor confirmou que as duas tinham rugas antigas por ciúmes que Maria sentia de Marietta, segundo ela, por motivos infundados. A próxima testemunha, também mulher e vizinha das duas, confirma o caso de ciúmes de Maria, mas disse que “não sabe o que é verdadeiro no que acaba de relatar”⁸⁵. O processo é concluído sem mais testemunhas ou relatos.

O segundo caso, de 1914, refere-se à briga envolvendo Rosa Golcha e Dora Méra⁸⁶, e a jovem Lola Rasinsk, de 21 anos de idade, solteira, sem profissão, alemã, residente à rua Senador Feijó, n. 17. Lola disse que estava indo à padaria quando passou na frente da casa das rés, sendo ofendida por elas. Ela seguiu seu caminho, mas ao voltar, foi puxada pelos cabelos e agredida pelas duas, que ignora o motivo pelo qual fizeram isso. As testemunhas do caso, todas mulheres, reforçaram em depoimento a história contada por Lola, todas também ignorando a razão porque as duas a agrediram.

Já Rosa Golcha disse que foi Lola quem passou em frente à sua casa e a provocou, sendo esta a razão, além de antiga intriga entre vizinhas, que a levou a tirar satisfações com ela na rua. Disse também que neste momento juntaram-se outras mulheres, que presenciaram o ocorrido, e que não agrediu nem ofendeu Lola, sendo suas escoriações provocadas pela queda que sofreu ao tentar correr. Dora, por sua vez, disse que era Rosa quem discutia com Lola na porta de sua casa e que ela, assim como as outras mulheres, apenas assistiu à discussão entre as duas. Confirma que Lola se machucou ao cair na calçada, não sendo Rosa culpada pelos ferimentos que a vítima apresentou.

É interessante notar que, de maneira geral, as testemunhas nos casos de agressão entre mulheres são também mulheres, amigas das rés ou das vítimas e ocorrem por questões de foro íntimo, como ciúmes.

O último tem como ré a italiana Maria Scagliosa⁸⁷, presa em flagrante por agredir a verdureira Joaquina Ferreira. Maria disse que estava no mercado de verduras da rua 25 de Março e esbarrou em algumas verduras que estavam no chão, sendo estas de propriedade da portuguesa Joaquina Ferreira, e que esse fato foi suficiente para que Joaquina a empurrasse, também ameaçando-a com um tamanco, sendo essa a provocação que a levou a agarrar-se à verdureira e a agredir. Maria pagou a fiança e foi libertada.

⁸⁵ Idem. P. 11.

⁸⁶ 1914 - A Justiça contra Rosa Golcha e Dora Méra. Processo sem catalogação do ATJSP

⁸⁷ 1916 - A Justiça contra Maria Scagliosa. Processo nº 010D0961 - 0004 - 2 do ATJSP

A divisão dos crimes de agressão pelo sexo dos réus (Figura 24) nos mostra ser muito mais forte a presença de homens como autores das ocorrências na cidade de São Paulo. Eles estão espalhados pela cidade e se compararmos as localidades com os crimes registrados nas ruas (Figura 6), veremos que a maioria deles é cometido por homens e na região central da cidade.

Figura 28 – Crimes de agressão em São Paulo – sexo dos réus

Aqui notamos com facilidade a presença majoritária dos homens como réus nos autos-crime aqui trabalhados. São os homens também que em sua maioria cometem crimes relacionados à embriaguez e percebemos que as causas destas ocorrências, ao contrário do que vemos nas relações de agressões entre mulheres, onde ciúmes e razões de foro íntimo predominam dentre os motivos alegados para que a briga começasse. Entre os homens as razões figuram entre as mais diversas, desde inimizades, brigas por mulheres, por dívidas ou mesmo por razões fúteis na grande maioria dos casos.

Já se analisarmos pelo viés do sexo das vítimas, veremos muito mais a presença feminina, cujos motivos já foram analisados nesse capítulo.

Figura 29 – Crimes de agressão em São Paulo – Sexo das vítimas

No caso de relacionar a ocorrência pelo sexo das vítimas, podemos perceber que a grande maioria é do sexo masculino, mas ao contrário do mapa anterior notamos o crescimento dos pontos vermelhos, que representam as mulheres. Pode-se afirmar, por esta imagem, que mulheres figuram muitas vezes como vítimas de agressões, muito mais que como autoras destas, nos fazendo voltar à análise dos crimes contra a mulher por parte de seus companheiros. Ou seja, apesar de figurarem como menor número de vítimas na relação geral são os homens quem agredem mais as mulheres.

Se fizermos a análise dos crimes contra a mulher dentro dos cortiços veremos que a proporção de agressões contra elas praticadas nesses espaços também será alta, ou seja, os crimes contra a mulher em sua maioria estão relacionados a ambientes domésticos, não aparecendo, por exemplo, entre as agressões registradas nas ruas da cidade (Figura 6).

Desta maneira, compreendemos os lugares da cidade e como se davam os crimes de agressão entre homens e mulheres, predominando a presença feminina no espaço doméstico, enquanto os homens aparecem mais nas ruas e com maior envolvimento com casos de embriaguez.

2.5 Brigando em Babel: os crimes de agressão, os imigrantes e os brasileiros

No período aqui abordado, os imigrantes ocupavam uma posição central no que se refere à história da cidade de São Paulo. Mais de 60% da população que lá vivia era composta por pessoas vindas de fora do Brasil ou descendentes das primeiras levas de estrangeiros chegados em São Paulo com a política de branqueamento das últimas décadas do século XIX.

No percurso traçado até aqui, muitas vezes vimos casos envolvendo imigrantes, mas a pergunta que fica é: será a população estrangeira mais propensa a se envolver em casos de agressão? Onde estão concentrados estes casos? As figuras 4 e 5 nos mostraram a diversidade cultural envolvendo casos de agressão tendo imigrantes como réus e como vítimas, bem como a forte presença de brasileiros entre os acusados.

Veremos agora a divisão dos casos registrados de acordo com a origem de réus e vítimas.

Figura 30 – Crimes de agressão entre italianos

Começaremos pela população imigrante mais famosa que chegou à São Paulo, os italianos. Já em 1894, Michele Santangelo, italiano, de 32 anos de idade, casado, operário⁸⁸, que no dia 26 de maio daquele ano, um tanto alcoolizado, promoveu desordem na casa de José Breche, na rua Barão de Jaguará, e agrediu Miguel Archangelo Abrione, de 23 anos de idade, solteiro, operário, italiano, com uma faca, ferindo-o no abdômen. Santangelo foi preso em flagrante pela agressão e, em depoimento, internado na Santa Casa, Abrione disse que foi agredido por Santangelo após este provocar desordens na casa de Breche.

O laudo de corpo de delito nos mostra que a lesão foi bastante grave, provocou diversos ferimentos em Abrione e perfurou seu intestino.

⁸⁸ 1894 – A Justiça contra Michele Santangelo. Processo nº 065D0913 – 0017 – 4 do ATJSP

A primeira testemunha a se apresentar foi o dono da casa onde ocorreu o crime, José Breche, de 42 anos de idade, operário, casado, disse que estava Santangelo em sua casa, onde bebeu bastante, provocando uma pequena desordem. Quando o réu saiu à rua, agrediu Abrione com facadas, mas disse a testemunha não ter visto a agressão. Santangelo estava presente durante o depoimento de Breche e disse que as palavras do depoente são falsas.

A segunda testemunha disse que Santangelo já estava bêbado quando usou palavras indecentes contra todos os que estavam na casa de Breche. Disse também que a agressão a Abrione foi gratuita, pois não ouviu troca de palavras nem alteração entre o agressor e o ofendido. Todas as testemunhas acompanham o mesmo depoimento, apenas a quarta acrescenta a informação de que a faca usada no crime foi jogada em um matagal logo em seguida à ocorrência.

No decorrer do processo, Abrione morre devido aos ferimentos e Santangelo vai a júri pela agressão. Santangelo foi condenado pelo crime.

Já em 1899, Luigi Calandrea, italiano, com 27 anos de idade, solteiro, carpinteiro, residente à rua Major Diogo⁸⁹, estava com seu patrício, Antonio Natali, quando levou um soco de Natali e em seguida diversas bengaladas. Luigi, que portava uma faca, tomou-a e proferiu dois golpes em Lagata, produzindo nele os ferimentos apresentados. Luigi se livrou da arma e acabou preso em flagrante.

As primeiras três testemunhas são os soldados da patrulha que ali passavam, Miguel Pedro, Benedicto José do Nascimento e Paulo Hygino, que viram a agressão e efetuaram a prisão de Luigi. As outras testemunhas são italianos, conhecidos do réu e da vítima que viram o ocorrido na rua. O juiz julgou como procedente a ação contra Luigi e o condenou pela agressão a Lagata.

Em 1913, outro italiano, Mario Foyanini⁹⁰, de 28 anos de idade, estava no café América, no largo do Tesouro quando agrediu a socos Paschoal, um menino italiano de 12 anos após o menino ter oferecido que ele comprasse um bilhete de loteria. Mario disse que o menino lhe ofereceu o bilhete por diversas vezes, interrompendo a leitura de seu jornal, depois de negar diversas vezes a compra do bilhete, involuntariamente deu um soco no nariz do menino, que começou a sangrar e por isso ele foi preso, mas alega não ter culpa do fato.

⁸⁹ 1899 – A Justiça contra Luigi Calandrea. Processo nº 90781745 – 0037 – 2 do ATJSP

⁹⁰ 1913 – A Justiça contra Mario Foyanini. Processo nº 058L0853 – 0034 – 0 do ATJSP

O menino, em depoimento, disse que Mario estava sentado no café, lendo jornal e tomando qualquer coisa, quando ele parou para oferecer bilhetes de loteria. Disse que após a terceira recusa de Mario a comprar o bilhete, ele se enfureceu e deu socos no menino.

Preso em flagrante, Mario pagou fiança, de 200\$000 e o processo continuou com o réu em liberdade. A segunda testemunha, o português Joaquim Lopes, vendedor de cigarros e charutos no café América, disse que o menino “importunava constantemente” o réu e que após a quarta ou quinta negativa da compra do bilhete por parte de Mario, o menino “chegou ao auge da impertinência” e ao colocar a mão para trás na intenção de afastar o menino acabou atingindo-o involuntariamente com uma pancada no nariz, provocando nele uma pequena hemorragia. Todas as demais testemunhas têm um depoimento parecido, sempre destacando ter o menino sido impertinente e alegando que o réu perdera a paciência com ele após tanta insistência. Também alegam que a pancada que atingiu Paschoal foi ocasional, não tendo o réu a intenção de agredir o menino propositalmente.

Após ouvir todas as testemunhas, o juiz julga improcedente a denúncia feita contra Mario Foyanini no crime de agressão leve contra Paschoal, extinguindo o processo e condenando a Câmara Municipal da cidade a arcar com as custas.

Ao realizar os cruzamentos entre origens, percebemos que os italianos estão envolvidos na maior parte dos crimes, sendo também as maiores vítimas entre as demais origens.

Figura 31 – Crimes de agressão com réus portugueses e vítimas italianas

Contudo, um dos grupos que também chamam a atenção são os portugueses. São apenas dois casos dentro da documentação, onde o réu é português e a vítima de outra origem, sendo um deles já retratado anteriormente⁹¹. Todos os outros ocorrem entre patrícios.

⁹¹ 1915 – A Justiça contra Ernesto Manfredi, José Maria Soares Bello e Alfredo Soares Bello. Processo sem catalogação do ATJSP

Figura 32 – Crimes de agressão entre portugueses

Em 1914, no bairro da Penha, houve uma briga entre diversos portugueses após um desentendimento em um armazém de bebidas. Um dos réus, Alfredo Maria Pires⁹², de 31 anos de idade, solteiro, português, disse que estava com alguns patrícios tomando cerveja no armazém quando dois homens chegaram carregando uma caixa de vinho do Porto e, após um comentário, foi insultado com diversas palavras ofensivas pelos dois e, por isso, deram uma cacetada em Alfredo. Outro réu, João Antonio dos Santos, de 41 anos de idade, casado, português, carroceiro, disse ter chamado seu patrício Alfredo e mais um conhecido para ir até sua casa. João convidou aos dois para tomar uma cerveja

⁹² 1914 - A Justiça contra Alfredo Maria Pires, João Antonio dos Santos e José Manoel dos Santos. Processo sem catalogação do ATJSP

no armazém ali próximo, na Rua do Oratório, quando dois homens embriagados que conduziam uma carroça com uma caixa de vinho do Porto, fizeram uma crítica à bebida, quando entrou no armazém um homem de nome Joaquim e ofendeu a todos que ali estavam com palavras, vibrando em Alfredo uma cacetada. Os que viram o ocorrido intervieram na briga, provocando uma grande confusão dentro do armazém. O último réu, José Manoel dos Santos, acompanha o depoimento de seus patrícios.

As testemunhas, entre elas o dono do armazém onde estavam, têm o mesmo relato dos réus, acrescentando o fato de a briga ter sido bastante grande e ter se arrastado para fora do estabelecimento, com muitos insultos e provocações entre os portugueses.

Neste caso, é bastante curioso perceber como todos os réus e todas as testemunhas arroladas no processo são portugueses, residentes todos próximos uns aos outros e que de certa forma, em todos os depoimentos, defendem seus patrícios.

O último intercruzamento aqui apresentado é o caso dos brasileiros, cuja participação nos autos é bastante grande. Observamos através do mapa que as ocorrências registradas em caso de brasileiros como réus e vítimas se dá na margem esquerda do Tamanduateí, ou seja, na região próxima ao triângulo e dos cortiços da Santa Efigênia. Além de ser a zona de maior circulação de pessoas para comércio, é no centro que se concentram os falantes da língua portuguesa, em geral empregados dos estabelecimentos comerciais da região pelo domínio do idioma.

também que ao contrário do que foi declarado por João à polícia, réu e vítima não são desafetos.

As demais testemunhas disseram que ouviram gritos de socorro vindo da rua e lá encontraram João, que agredia Heitor. Todos confirmam que Heitor é visto comumente alcoolizado. A justiça não leva o caso adiante por tratar-se de um motivo fútil e por não ter provocado maiores consequências em nenhum dos envolvidos.

Sidney Chalhoub aponta que a criminalidade entre imigrantes era mais acentuada⁹⁵, bem como o fato de as ocorrências se darem entre pessoas de origens diferentes na grande parte dos casos. O que vemos aqui mostra o contrário, era justamente o traço que os unia o mesmo que despertava as discórdias.

Ainda que a cidade estivesse repleta de pessoas de diferentes origens, falando diversos idiomas, trabalhando juntas e convivendo nas ruas da cidade, as brigas acontecem entre iguais, entre falantes do mesmo idioma e, salvo o caso dos italianos, que possuem diversas origens dentro do próprio país, mas que no caso dos arquivos do judiciário acabam tornando-se todos “italianos”.

Através de todas essas imagens e das declarações contidas nos processos podemos perceber o funcionamento da cidade no final do século XIX, início do século XX, bem como perceber o fluxo de pessoas e as localidades de concentração de pessoas e das mais diversas origens que conviviam juntas em São Paulo. Esta presença nos mostra que as relações interpessoais e a rua são fundamentais para a compreensão do sistema de funcionamento e de trabalho na cidade.

⁹⁵ CHALHOUB, 2001.

3. Velha História, novas tecnologias

Há algum tempo os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) vêm sendo utilizados em conjunto com outras ciências, em especial com a História, com quem estabelecem correlações importantes por também sistematizarem o espaço.

O espaço é uma das dimensões fundamentais para a percepção e o entendimento do passado, logo, este trabalho se estabelece como um dos primeiros estudos na área de História a mapear as fontes a fim de tecer novas relações e interpretações possíveis unindo o tradicional a uma nova forma, demonstrando a novos pesquisadores um outro ramo de possibilidades de trabalho.

Apesar de se encaixar perfeitamente aos estudos históricos, ainda há pouco uso desta, e também de outras tecnologias, por parte dos historiadores, talvez por ser uma ferramenta que não seja parte do cotidiano do estudo das ciências humanas em geral.

A pesquisa histórica, no entanto, quase desconhece as possibilidades dessas tecnologias, apesar da pertinência dos estudos de fenômenos espaciais localizados no passado, e de suas transformações no decorrer do tempo, para o trabalho do historiador.⁹⁶

As dificuldades vão além dos conhecimentos tecnológicos necessários para se construir um SIG do passado. São necessárias construções de bases cartográficas e a reconstituição destas dentro do presente a fim de fazer as localizações e manipulações necessárias. Além da construção de um banco de dados completo e complexo o suficiente para se estabelecer as correlações necessárias entre as diversas possibilidades elencadas pelas fontes tradicionais⁹⁷. Todas as informações do banco de dados estão ligadas entre si por uma característica espacial, no caso deste estudo o endereço de ocorrência do crime. Ali se inter cruzam informações de nacionalidade, sexo, profissão e podem ser criados diversos filtros de análise destas informações. Aqui, foram escolhidas as informações mais evidentes e que espacializassem construções já características dos estudos históricos precedentes.

⁹⁶ FERLA, Luis. *O SIG do passado tem futuro?* Disponível em [http://downloads.gvsig.org/download/events/jornadas-lac/3as-jornadas-lac/articles/Article-Futuro SIG curso historia Unifesp.pdf](http://downloads.gvsig.org/download/events/jornadas-lac/3as-jornadas-lac/articles/Article-Futuro%20SIG%20curso%20historia%20Unifesp.pdf) acessado em 20/02/2014.

⁹⁷ Vide tabela 1.

O SIG é uma tecnologia que seduz. É como uma caixa mágica capaz de realizar maravilhosas proezas, sendo que as imagens construídas de diversas formas por ele podem poupar esforços, para nós, e também, mostrar inúmeras maneiras de substituir e ampliar o poder das palavras.⁹⁸

A introdução do espaço na História vem dar uma nova dimensão àquilo que já existe e já se sabe, como pudemos perceber através dos mapas aqui propostos. Sempre tivemos o bairro do Bexiga como zona de concentração de italianos e, ao vermos um mapa, ainda que este esteja colocando os crimes ali ocorridos em evidência, notamos que esta ideia se coloca como verdadeira. Outra observação é a das zonas de circulação de pessoas e a evidência da importância da região do triângulo como área de maior transição de pessoas de nacionalidades distintas. Outra vantagem do uso de cartografia nas produções históricas é a percepção e conhecimento do espaço urbano, ou seja, a dimensão que o mapa permite que o leitor tenha acerca do local trabalhado. Qual a dimensão da cidade de São Paulo no começo do século XX? Qual sua configuração geográfica? Todas essas respostas o mapa digital nos permite dar, elencando ainda outros dados de relevância dentro do espaço acerca dos estudos históricos.

É importante frisar, no entanto, que o SIG Histórico não tem fim em si mesmo, ou seja, a simples observação de um mapa não gera interpretações sem que sejam introduzidos outros conteúdos historiográficos. Cabe ao Historiador realizar as análises decorrentes do produto das visualizações produzidas no ambiente do SIG.

O uso do SIG também estreita as relações entre a História e a Geografia, disciplinas tão parceiras e complementares e ao mesmo tempo tão distantes. A *geohistoire* de Fernand Braudel, enfatiza uma geografia humana retrospectiva, levando geógrafos a prestarem mais atenção ao tempo e historiadores a se inspirarem no espaço. Em outras palavras, uma compreensão histórica do território e das atividades humanas ali ocorridas.⁹⁹

Caio Prado Junior foi um dos primeiros a trabalhar a relação de importância da História com o espaço, tratando em sua obra *A cidade de São Paulo: geografia e*

⁹⁸ BODENHAMER, David J.. "The Potencial of Spatial Humanities" in BODENHAMER, David J., CORRIGAN, John e HARRIS, Trevor M.. *The Spatial Humanities: GIS and the future of humanities scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010. P. 17. Tradução minha.

⁹⁹ REBELLATHO, Martha e FREITAS, Frederico. *DESAFIOS E POSSIBILIDADES AO USO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NA HISTÓRIA*. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/rebelatto%20martha%20e%20freitas%20frederico.pdf> acessado em 20 de março de 2014. P. 3.

*história*¹⁰⁰, destacando a importância da questão geográfica na formação da cidade de São Paulo. Além de se consolidar como um campo aberto, a cidade ainda tinha a vantagem de estar cercada pelos rios, que depois dividiriam os núcleos populacionais e fabris.

Braudel também apontava que a História e a Geografia estavam à beira de um divórcio¹⁰¹, no entanto, o SIG e as demais geotecnologias vêm justamente na perspectiva de salvar este casamento, mantendo unida a relação estabelecida entre o tempo e o espaço em que os fenômenos históricos se colocam. O mapa é a expressão da longa duração e reflexo das transformações no espaço urbano. Ele conclui, “todas as ciências do homem, incluindo a história, estão contaminadas umas pelas outras. Falam ou podem falar o mesmo idioma”¹⁰², ou seja, o SIG é a configuração idiomática da união entre as duas disciplinas, é a união do tempo, do espaço e dos aspectos sociais de um lugar e de pessoas, a fim de estabelecer um novo paradigma no modo de fazer história.

Um dos grandes desafios do Historiador no uso das geotecnologias deve-se à dificuldade de reprodução da história social em seu espaço físico, bem como a imprecisão documental e mesmo cartográfica que envolve o processo. Reconstruir um mapa antigo para que, a partir dos vetores, sejamos capazes de implementar as informações do banco de dados requer adaptações e reflexões acerca da produção do documento cartográfico. Mesmo o mapa sendo produzido por órgãos públicos, como é o caso do mapa aqui trabalhado, ele apresenta cicatrizes do tempo, marcas que dificultam sua digitalização e posterior vetorização. Além disso, sua imprecisão, devido à falta de instrumentos na época de sua construção, nos trás pequenas dificuldades de ajustes a fim de torna-lo uma base possível para as interações do SIG. Temos também de adequá-lo às lacunas das fontes ditas tradicionais, contornando os problemas das aqui trabalhadas, como já dito anteriormente, à norma do SIG.

Podemos dividir o grupo de benefícios do uso do SIG em três categorias: a organização de dados históricos, a habilidade de visualizar esses dados e os resultados obtidos para a análise espacial sobre as fontes. Nenhum desses pontos é

¹⁰⁰ PRADO JUNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção *Tudo é História*, n. 78)

¹⁰¹ BRAUDEL, Fernand. “A longa duração” in *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1990. P. 8.

¹⁰² Idem, P. 18.

impossível sem o uso do SIG, mas tornam-se significativamente mais fáceis usando-o.¹⁰³

No caso de São Paulo, o primeiro mapa da cidade de São Paulo com características mais elaboradas no que se refere à técnica são os produtos do levantamento topográfico realizado pela empresa italiana SARA (Società Anonima di Rilevamenti Aerofotogrammetrici), o SARA Brasil, entre os anos de 1929 e 1933. Foi realizado um mapeamento fotoaéreo da cidade que permitiu a construção de mapas com uma escala grande (1:1000 e 1:5000), formando um conjunto documental de 132 cartas, que ao serem unidas esboçam toda a cidade de São Paulo e arredores.

O uso da cartografia histórica, o modo de produzir e analisar as ideias de progresso e continuidade ajudam a demonstrar a longa duração analisada por Braudel, criando, em conjunto com a análise de outras fontes, uma reflexão diferente daquela tradicionalmente proposta.

Pioneiro no uso do SIG em investigações históricas, Zephyr Frank, historiador e professor da Universidade de Stanford, diz que é possível usar o SIG apenas para complementar e dar uma dimensão imagética nos estudos históricos, mas que a complexidade e a dificuldade por parte dos pesquisadores é inovar, criando uma nova discussão histórica acerca de um tema aparentemente esgotado através da análise do espaço¹⁰⁴.

As fontes tradicionais não dizem, por exemplo, onde mora exatamente determinado tipo de pessoa; não dizem que em determinada rua havia uma mistura específica de tipos sociais morando e trabalhando no mesmo espaço. As fontes não disponibilizam essas informações de uma maneira transparente de modo que o historiador possa extraí-las utilizando suas ferramentas tradicionais. Contudo, ao localizar tais informações no espaço utilizando as técnicas de análise espacial, o historiador pode conectar espacialmente o que antes habitava âmbitos distintos. O historiador pode espacializar dados sobre as condições de vida das pessoas; sobre a sua vizinhança em seus lugares de trabalho e moradia; sobre o seu movimento através do tempo e espaço.¹⁰⁵

¹⁰³GREGORY, IAN e ELL, Paul. *Historical GIS*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. P. 10. Tradução minha.

¹⁰⁴FREITAS, Frederico. "Spatial History e humanidades digitais, uma entrevista com o brasilianista Zephyr Frank" in *Revista História e Cultura, Franca-SP*, v.3, n.1, p.375-393, 2014. P. 378.

¹⁰⁵Idem. P. 379.

É importante que o historiador tenha a crítica a sua fonte primária, uma vez que caso ela seja incompleta ou gere dúvidas quanto sua aplicação para seu uso no SIG. A fonte tem que mostrar uma abrangência espacial, geográfica, e possuir outras informações que permitam a intersecção de valores; já que o SIG não se finaliza apenas no mapeamento de ocorrências, sejam elas quais forem, mas sim se fundamenta na capacidade do pesquisador de cruzar dados da tabela a fim de criar produtos de diversas naturezas.

O crescimento do uso de SIG para pesquisas históricas no Brasil ainda é bastante incipiente, mas vem crescendo com a implementação da área de humanidades digitais em diversos setores. Ele surge como uma nova ferramenta para contribuir com o melhor desenvolvimento da pesquisa histórica.

Existem, no entanto, ferramentas auxiliares aos softwares de SIG que complementam seu uso, possibilitando a criação de mapas online por qualquer pesquisador que esteja interessado em inserir um mapa em sua pesquisa. Não é necessário um grande treinamento prévio para que o uso do SIG se apresente em todo tipo de análise.

É nesse sentido que essa pesquisa vem a contribuir com o pesquisador, mostrando ainda que, de forma simples, uma nova maneira de uso das fontes e de representação histórica por parte dos historiadores. O estudo aqui apresentado mostra uma breve maneira de abordagem da fonte, a partir do cruzamento do banco de dados, mostrando a outros historiadores a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas históricas com o uso do SIG.

Considerações finais

A presente pesquisa procurou mostrar como o uso de uma nova tecnologia, ainda bastante incipiente nos estudos históricos, pode contribuir para o desenvolvimento de novas maneiras de se pensar a História.

O uso de fontes tradicionais, como as aqui trabalhadas, se encaixam plenamente ao uso do SIG histórico, desde que para tanto seja desenvolvido um banco de dados em pleno acordo ao que se propõe.

Como já dito anteriormente, o uso das geotecnologias não esgota o trabalho possível com as fontes, nem substitui o trabalho do pesquisador à medida que faz-se necessário um desenvolvimento histórico, uma narrativa acerca daquilo que se procura representar com o auxílio do mapa, fazendo com que seja fundamental uma análise histórica tradicional acerca das fontes para que o mapa produzido seja um subsídio para a intersecção das análises propostas com o auxílio da cartografia.

O SIG se apresenta como uma nova ferramenta, como um novo leque de possibilidades para o historiador e a tentativa desse trabalho foi apresentar a tecnologia para esse novo público, uma vez que ela já é bastante utilizada em áreas como a sociologia, estatística e a própria geografia.

Também é fundamental que se compreenda o espaço trabalhado além da perspectiva da imagem, pois é sua dinâmica que traz ao pesquisador a infinidade de possibilidades que se pode gerar. Compreender as alterações espaciais, temporais e populacionais é que torna o historiador capaz de se aliar à tecnologia a fim de produzir, com o uso dela, uma outra alternativa ao trabalho histórico tradicional; mantendo sempre seu rumo e suas particularidades e potencialidades.

Os autos crime, neste caso, serviram de base, mas também consistem um objeto muito rico de análise; uma vez que são únicos e no que se entende pela pesquisa feita constituem, neste caso, um volume de processos ainda muito pouco trabalhado. Em geral, só foram usados em análises de membros do grupo de pesquisa que deu origem a esta dissertação.

É preciso ler com atenção estas fontes, compreendendo sua origem, ou seja, o poder judiciário. Pois, é ele que impõe diversas restrições aos depoimentos, bem como as semelhanças entre eles e a falta de escolaridade daqueles ao qual se referem.

Refletindo, assim, no analfabetismo de muitos, gerando fonte sempre muito parecidas e que devem ser tratadas com todo o cuidado na hora da análise.

As fontes são elementos únicos e nas mãos de cada um adquirem novas formas e entendimentos. A contribuição aqui proposta é apenas uma nova maneira de se lapidar ou mesmo de se enxergar o tradicional, tornando a imagem um elemento transformador da narrativa, aumentando assim, o poder de compreensão da circulação humana e das mudanças espaciais ao longo do tempo abordado.

O objetivo desta dissertação, portanto, vai além de fazer uma análise das fontes, mas demonstrar que com o uso de uma nova tecnologia, aliado a cartografia, é possível criar uma nova perspectiva histórico-espacial acerca do tema trabalhado. Favorecendo e facilitando o trabalho daqueles que não tem a compreensão do espaço acerca do tempo abordado nas fontes.

Bibliografia

BANANERE, Juó. “O Studenti do Bó Ritiro – poisia patriótica” in *La Divina Incrensa*. São Paulo: Editora 34, 2007.

BODENHAMER, David J., CORRIGAN, John e HARRIS, Trevor M.. *The Spatial Humanities: GIS and the future of humanities scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

BURROUGH, Peter A. e MCDONELL, Rachael A. *Principles of Geographical Information Systems*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1998.

CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade*. São Paulo: Senac, 2000.

CAMPOS, Eudes. *Casas e vilas operárias paulistanas*. Informativo Arquivo Histórico Municipal, 4 (19): jul/ago 2008. Disponível em <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Acessado em 15/12/2012.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

COOPER, Becky. *Mapping Manhattan*. Nova Iorque: Abrams, 2013.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1991.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano*. São Paulo: Edusp, 2001.

FELDMAN, Sarah. “Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)” in

LANNA, Ana Lucia Duarte [et al] (Orgs.). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

FERLA, Luis. *O SIG do passado tem futuro?* Disponível em <http://downloads.gvsig.org/download/events/jornadas-lac/3as-jornadas-lac/articles/Article-Futuro SIG curso historia Unifesp.pdf> acessado em 20/02/2014.

FREHSE, Fraya. *Ô da rua!*. São Paulo: Edusp: 2011.

FREITAS, Frederico. "Spatial History e humanidades digitais, uma entrevista com o brasilianista Zephyr Frank" in *Revista História e Cultura, Franca-SP*, v.3, n.1, p.375-393, 2014.

GREGORY, IAN e ELL, Paul. *Historical GIS*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LOCH, Ruth E. Nogueira. *Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

LOVE, Joseph. *A Locomotiva*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARTINS, José de Souza. "O migrante brasileiro na São Paulo estrangeira" in PORTA, Paula (Org.) *História da Cidade de São Paulo v. 3: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MERRICK, Thomas e GRAHAM, Douglas. *População e desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro e FERLINI, Vera Lúcia (Orgs.). *História Econômica: agricultura, indústria e populações*. São Paulo: Alameda, 2006

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém*. São Paulo: Alameda, 2005.

PAOLI, Maria Célia e DUARTE, Adriano. "São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade" in *História da Cidade de São Paulo*, v. 3: *a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência*. São Paulo: Edusp, 1994.

PRADO JUNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção *Tudo é História*, n. 78)

RAGO, Margareth. "A prostituição como espetáculo" in *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REBELLATHO, Martha e FREITAS, Frederico. *Desafios e possibilidades ao uso de sistemas de informação geográfica na História*. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/rebelatto%20martha%20e%20freitas%20frederico.pdf> acessado em 20 de março de 2014.

ROLNIK, Raquel. "São Paulo na virada do século: territórios e poder" in *Cadernos de História de São Paulo*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, nº 1, jan/dez 1992.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fapesp/Studio Nobel, 1997.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das águas*. São Paulo: Senac, 2007.

SANTOS, Fábio Alexandre dos. *Domando as águas*. São Paulo: Alameda, 2011.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil* – v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. "1 – A abertura em acordes heroicos dos anos loucos" in *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SIQUEIRA, Lucília. *Os hotéis na cidade de São Paulo na primeira década do século XX: diversidade no tamanho, na localização e nos serviços*. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 32, nº 63, 2012.

SZMRECSANYI, Tamas e SILVA, Sérgio S. (org). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec, 2002. P. 354.